

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Alessandra Castilho da Costa

**O USO DE ADVÉRBIOS DÊITICOS ESPACIAIS
NA PRODUÇÃO ESCRITA DE APRENDIZES DE ALEMÃO COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA EM ESCOLAS TEUTO-BRASILEIRAS DE SÃO PAULO**

**Dissertação apresentada ao Departamento
de Letras Modernas, da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da
Universidade de São Paulo, para obtenção
do título de Mestre em Letras (Área de
Concentração: Língua e Literatura
Alemã)**

Orientador: Prof. Dr. Hardarik Blühdorn

**São Paulo
1999**

**A Deus e à minha família, pelo apoio
e amor**

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Assunto do trabalho.....	8
3. Os dados	12
3.1 Caracterização dos dados	12
3.2 Levantamento dos dados	13
3.3 Digitação e organização	14
3.4 Informantes e populações.....	14
3.5 As escolas.....	17
3.6 Os livros didáticos	17
4. Fundamentação teórica	20
4.1 Teoria da dêixis espacial.....	20
4.2 Aspectos relevantes da lingüística textual.....	25
4.3 Aquisição de línguas estrangeiras.....	29
4.4 Aspectos metodológicos.....	33
5. Descrição dos critérios e do procedimento da análise.....	36
6. Análise do <i>corpus</i>	39
6.1 Introdução.....	39
6.1.1 Classificação de <i>da</i>	39
6.1.2 Gêneros textuais no <i>corpus</i>	42
6.2 Comportamento global de <i>hier, da e dort</i>	43
6.3 Comportamento de <i>hier</i> da 8ª à 11ª série.....	46
6.4 Comportamento de <i>da</i> da 8ª à 11ª série.....	48
6.5 Comportamento de <i>dort</i> da 8ª à 11ª série.....	50
6.6 Comportamento dos compostos de <i>hier, da e dort</i>	52
6.7 Comportamento da dêixis real.....	55
6.8 Comportamento do uso fórico.....	59
6.9 Comportamento da dêixis textual	67
6.10 Diferenças entre falantes nativos e não-nativos	69
7. Considerações finais	72
8. Referências bibliográficas	76

9. Anexos	82
9.1.1 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> nos grupos eliminados	82
9.1.2 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis real (nos grupos eliminados)	82
9.1.3 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na endófora (nos grupos eliminados)	83
9.1.4 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis textual (nos grupos eliminados)	83
9.2.1 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> em cada grupo de redações	84
9.2.2 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> por série, em cada população	86
9.2.3 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> por série	86
9.3.1 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis real, em cada grupo de redações	87
9.3.2 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis real por série, em cada população	89
9.3.3 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis real por série	89
9.4.1 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na endófora, em cada grupo de redações	90
9.4.2 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na endófora por série, em cada população	92
9.4.3 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na endófora por série	92
9.5.1 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis textual, em cada grupo de redações	93
9.5.2 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> na dêixis textual por série, em cada população	95
9.5.3 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> por série	95
9.6.1 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> no uso não-dêitico, em cada grupo de redações	96
9.6.2 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> no uso não-dêitico por série, em cada população	97
9.6.3 Distribuição de <i>hier</i> , <i>da</i> e <i>dort</i> no uso não-dêitico por série	98
9.7 Redações do corpus: temas/títulos/tipos de texto	99
10. Resumos	102
10.1 Abstract	102
10.2 Resumo	103
10.3 Zusammenfassung	104

1. Introdução

Este trabalho foi elaborado durante os anos de 1997 a 1999 na Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP). O trabalho insere-se na linha de pesquisa *Ensino/Aprendizagem de Alemão como Língua Estrangeira no Brasil*. Durante muito tempo, os trabalhos dessa linha de pesquisa restringiram-se à análise de livros didáticos e a considerações filosóficas acerca do ensino de língua estrangeira. Somente em meados dos anos 90, as pesquisas sobre ensino/aprendizagem de alemão desenvolvidas na Área de Alemão da USP passaram a fundamentar-se em dados empíricos. A primeira dissertação de mestrado a adotar tal metodologia foi a de Roseli TIMOXENCO MOURA, intitulada *Juntores e referências na produção de textos escritos em língua alemã por alunos brasileiros*, defendida em 06 de outubro de 1995. A meu ver, o trabalho empírico constitui um ganho metodológico, uma vez que garante resultados mais objetivos e verificáveis (cf. CASTILHO DA COSTA & GUEDES EVANGELISTA, 1998).

O plano de desenvolver a presente dissertação surgiu depois de ter terminado o curso de graduação em Letras (Português/Alemão), durante os anos de 1995/96 em que frequentei o programa de especialização para professores de língua alemã, oferecido pelo então Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha (IPBA), na cidade de São Paulo. Em virtude de minha formação e atividade como professora de alemão durante esse período, as questões relativas à aquisição da linguagem começaram a despertar a minha atenção. Em meu entender, o conhecimento científico sobre a aquisição da linguagem é um aspecto importante na fundamentação das atividades didáticas, na medida em que possibilita ao professor uma visão mais amadurecida de seus alunos e do processo pedagógico.

Esta pesquisa possui objetivos lingüístico-teóricos, mas também motivações na prática pedagógica. É importante ressaltar, porém, que não se visa uma aplicação imediata dos seus resultados em sala de aula, e sim, uma reflexão lingüística, cuja contribuição maior consiste no desenvolvimento de uma atitude crítica do professor em relação às possibilidades e aos limites do ensino de uma língua estrangeira.

Minha tarefa consiste na análise de produções escritas de alunos da 8ª série do 1º à 3ª série do 2º grau, de colégios teuto-brasileiros na cidade de São Paulo, a respeito do uso de advérbios dêiticos espaciais do alemão.

Os dados foram levantados, durante os anos de 1996 e 1997, junto a três instituições educacionais em São Paulo, capital: Colégio Humboldt, Colégio

Benjamin Constant e Colégio Visconde de Porto Seguro. O *corpus* foi elaborado em conjunto com minha colega Maria Cristina Reckziegel GUEDES EVANGELISTA, cuja dissertação intitulada *O uso dos verbos modais alemães na produção escrita de aprendizes brasileiros*, se baseia no mesmo material. Cerca de 70% dos dados foram por ela coletados, sendo que os 30% restantes foram de minha responsabilidade.

A seguir, serão apresentados os elementos componentes da estrutura global do trabalho. No próximo capítulo (capítulo 2), apresentarei de forma sucinta o objeto de pesquisa deste trabalho, a saber, os advérbios dêiticos espaciais *hier*, *da* e *dort* e seus diversos tipos de uso. No terceiro capítulo, será feita uma descrição detalhada do *corpus*, para fornecer ao leitor as informações necessárias à compreensão da análise de dados. No quarto capítulo, elucidarei as ferramentas teóricas que utilizarei na análise: as teorias

- da dêixis (cf., p.ex., BÜHLER 1934=1982, DIEWALD 1991, FUCHS 1993, JARVELLA & KLEIN 1982, KLEIN 1978),
- da coesão textual (cf., p.ex., HALLIDAY & HASAN 1976, KOCH 1989=1994, FÁVERO & KOCH 1994, KLEIN & VON STUTTERHEIM 1987 e 1991),
- dos gêneros textuais (cf., p.ex., BIBER 1986, VATER 1994, RAIBLE 1972, SANDIG 1972) e
- da aquisição de línguas estrangeiras (cf., p.ex., KRASHEN 1982, KLEIN 1992).

No quinto capítulo, farei uma descrição do método aplicado e das questões principais a serem investigadas na análise do *corpus*. A análise propriamente dita será finalmente realizada no sexto capítulo.

Gostaria de registrar meus agradecimentos a todos que contribuíram para a concretização desse projeto, em especial, ao CNPq, que o financiou durante mais de dois anos, ao orientador dessa pesquisa Prof. Dr. Hardarik Blühdorn, pela convivência que enriquece e atuação presente e atenta, a Maria Cristina Reckziegel Evangelista, que elaborou o corpus utilizado nessa pesquisa, amiga sempre generosa, aos Professores da Área de Alemão da USP em geral e, especificamente, à Profa. Dra. Masa Nomura, pelas críticas e sugestões, à Profa. Dra. Neide Gonzales (do Depto. de Letras Modernas da USP) pelas indagações e sugestões bibliográficas, ao Prof. Dr. Aleksandar Jovanovic (da Faculdade de Educação da USP), pela disposição em discutir este trabalho, ao Prof. Dr. Heinz Vater, pela leitura crítica e pelas idéias interessantes, a Sabine Prechter, pelos comentários sempre pertinentes, aos diretores, coordenadores pedagógicos,

professores e alunos das seguintes instituições escolares: Colégio Humboldt, Colégio Benjamin Constant e Colégio Visconde de Porto Seguro e aos meus familiares que me apoiaram de todos os modos para a realização deste trabalho.

2. Assunto do trabalho

O trabalho ora apresentado pesquisa a utilização dos advérbios espaciais *hier*, *da* e *dort* em produções escritas em alemão por aprendizes brasileiros. Esses elementos são tradicionalmente considerados dêiticos. Por dêixis entende-se a referência por um elemento do enunciado à própria enunciação ou a um de seus componentes, i.e., um participante da comunicação, tempo ou lugar da enunciação. BÜHLER (1934=1982: 79-82) postula a existência de dois tipos de signo: de um lado o signo simbólico (*Nennwort*), que pertence ao chamado campo simbólico da língua, e, de outro, o signo dêítico (*Zeigwort*), que se encontra no campo indexal (*Zeigfeld*). Os signos simbólicos possuem um significado independentemente do contexto, enquanto o signo dêítico só conhece significado em dependência ao contexto.

DIEWALD (1991: 34) entende que o processo dêítico parte de um ponto-zero e aponta a um elemento do contexto (objeto dêítico). Tal processo fundamenta-se no contexto, daí seu caráter demonstrativo e reflexivo. BLÜHDORN (1995A: 119) acentua os aspectos cognitivos que envolvem a dêixis, durante os processos de codificação e decodificação. O autor define a dêixis como um processo de codificação de informação no âmbito dos acontecimentos da comunicação. Conforme DUBOIS & al. (1973:137) a dêixis é um modo particular de atualização em que determinados elementos lingüísticos referem-se ao momento e lugar da enunciação e/ou aos participantes da comunicação.

Seguindo BÜHLER (1934=1982) e DIEWALD (1991), podemos distinguir três tipos de dêixis. O primeiro refere-se imediatamente à situação de comunicação:

- (1) A Internet aqui está lenta, quase parando. (Folha de São Paulo 29/09/96)

Com *aqui* o enunciador faz referência ao lugar em que se dá a enunciação (o Brasil), utilizando a si mesmo como entidade de referência. Nesse uso o advérbio tem função demonstrativa (cf. a etimologia da palavra *dêixis*: apontar).

Outro tipo de uso corresponde ao estabelecimento de relações fóricas (anáfora ou catáfora), em que um elemento do texto estabelece relação com outro elemento do texto:

- (2) O estudante Henrique Ferreira Messias voltaria ao Clube Corinthians, onde havia treinado futebol pela manhã, para pegar uma carona com o pai, que trabalha lá como segurança. (Estado de São Paulo, 11/02/99)

Nesse exemplo, *lá* remete a um elemento do texto, o *Clube Corinthians* pré-mencionado. Tal relação pode ser interpretada metaforicamente como um apontar, porém, nesse caso, sintático.

O terceiro tipo consiste na referência à trechos do próprio texto:

- (3) *José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor [...]*
Temos aqui duas fontes enunciativas: no narrador, que é a única fonte a dizer *eu* e José Dias, responsável por uma parte da enunciação. (FIORIN 1996: 75)

Como no segundo tipo, existe no terceiro, um processo interno ao texto. O que diferencia ambos os tipos de uso é o contexto. No caso do terceiro tipo de uso, o próprio texto é o espaço em que se encontra o objeto dêitico (cf. DIEWALD 1991: 122). O advérbio *aqui* aponta a um componente do próprio texto.

DIEWALD (1991: 110) usa os seguintes termos para denominar os três tipos de dêixis: dêixis real (ou situacional), endófora e dêixis textual¹. Entre os três tipos existe uma gradação de complexidade, sendo a dêixis real a mais fundamental, a endófora de complexidade intermediária e a dêixis textual a mais complexa. A dêixis textual está particularmente ligada à linguagem escrita. Ela corresponde à codificação do texto como espaço. A utilização de dêiticos na endófora e na dêixis textual contribui para a construção da coesão textual.

A escolha do tema tratado no presente trabalho justifica-se em vista de *hier*, *da* e *dort* constituírem um sistema de advérbios espaciais, cuja correspondência com os advérbios *aqui*, *ai*, *ali* e *lá* não é exata, o que leva a problemas no ensino e aprendizado de alemão como língua estrangeira.

Hier indica proximidade entre a entidade situada e o falante, como objeto de referência. *Dort* indica afastamento entre as mesmas entidades, enquanto *da* assinala a identificabilidade de um objeto que se encontra distante do lugar do destinador. Para BLÜHDORN (1999), tal sistema pode ser ilustrado da seguinte maneira (F – falante, R – objeto de referência, E – entidade situada):

<i>hier</i>	F,R,E
<i>da</i>	F – R,E
<i>dort</i>	F,R – E

Hier indica uma entidade situada E, que se encontra perto da entidade de referência R, função desempenhada pelo falante F. *Da* indica que a entidade de referência se encontra perto da entidade situada e ambas estão afastadas do falante F. *Dort* indica que a entidade de referência R é o falante F, do qual a entidade situada está afastada.

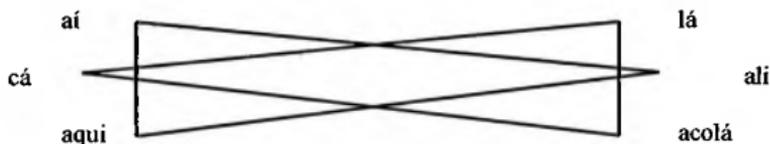
¹ No modelo de BÜHLER, há um terceiro tipo, denominado dêixis-fantasma (*Deixis am Phantasma*). Não me ocuparei desse tipo de uso, pois ele não ocorre no corpus utilizado.

Da e *hier* apresentam proximidade da entidade de referência à entidade situada. *Da* e *dort* indicam ambos o afastamento da entidade situada ao falante. Devido a essas semelhanças que *da* compartilha com *hier* e *dort*, essa forma funciona como um elemento neutro no sistema triádico dos advérbios espaciais do alemão.

Em português, existem duas séries de advérbios de lugar: uma tricotômica (*aqui*, *aí* e *ali*) e uma dicotômica (*cá* e *lá*) (cf. FIORIN 1996: 266). MATTOSO CÂMARA (1970: 124) destaca *aqui* como o locativo da área do falante, *aí*, como locativo da área do destinatário e *ali*, como locativo de uma terceira área, distante do falante e do destinatário.

À série dicotômica corresponde a oposição *cá* (próximo ao falante e destinatário) vs. *lá* (distante de ambos). A essa série dicotômica acrescenta-se a forma *acolá*, que indica outro lugar distante do falante e do destinatário.

A relação entre os dois sistemas pode ser ilustrada da seguinte maneira:



Por haver interferências entre as séries *aqui*, *aí* e *ali* e *cá*, *lá* e *acolá*, ocorrem, em determinados contextos, permutações entre *cá* e *aqui* e entre *lá* e *ali* (cf. MATTOSO CÂMARA 1970: 124). Nesses pares de advérbios, desenvolveu-se uma nova especialização, segundo a qual *aqui* tende mais fortemente a codificar localizações estáticas, ao passo que *cá*, a codificar localizações dinâmicas. A especialização entre *lá* e *ali* prevê que *ali* privilegia o uso situacional e *lá*, o endofórico.

Em vista das diferenças entre os dois sistemas, é provável que os aprendizes brasileiros de alemão apresentem dificuldades com relação à utilização dos advérbios alemães, podendo haver interferências do português, nas quais se refletem as diferenças dos dois sistemas.

Uma das hipóteses pelas quais o presente trabalho se guia é a de que os dêiticos locais são utilizados, nos primeiros estágios da aquisição de uma língua estrangeira, para fazer referência ao espaço, em relação ao lugar do enunciador. Nos estágios posteriores, serão utilizados em outras funções, por exemplo, na endófora e na dêixis textual.

DIEWALD afirma haver numerosas pesquisas sobre a aquisição da dêixis real e da endófora (cf. BECKER 1994, CARROLL & BECKER 1993, BECKER, CARROLL & KELLY 1988, CARROLL & VON STUTTERHEIM 1993, EHLICH 1982, KLEIN 1983, REDDER 1984, VON STUTTERHEIM 1986), onde se verificou que a dêixis real é o primeiro tipo de uso dêítico a ser adquirido, por se referir à situação de comunicação canônica, que é a primeira com que a criança se confronta. Por outro lado, existem poucos estudos a respeito da aquisição da dêixis textual, que deve ser adquirida posteriormente aos usos mais fundamentais em virtude de sua complexidade (cf. DIEWALD 1991: 111).

O presente trabalho não poderá preencher essa lacuna. As ocorrências de *hier*, *da* e *dort* como dêíticos textuais são raras no *corpus*. Além disso, a aquisição não é objeto imediato deste trabalho. Meu objetivo é descrever as ocorrências de advérbios espaciais no material produzido pelos informantes. Essas ocorrências podem ser interpretadas como reflexos indiretos de processos subjacentes de aquisição, mas como a conexão é indireta, as conclusões permanecem, por enquanto, hipotéticas. Com a descrição do uso de dêíticos em produções em alemão por aprendizes brasileiros de diversos níveis, pretendo contribuir indiretamente para a discussão das questões relativas à aquisição de dêíticos na língua estrangeira.

Pelo exposto, os objetivos deste trabalho são:

- observar se há uma seqüência de aparecimento dos três advérbios,
- verificar se existe uma ordem de surgimento dos seus diferentes usos (situacional, endofórico e textual) e
- analisar sua utilização como meios coesivos na construção do texto escrito.

3. Os dados

O *corpus* em que se fundamenta este trabalho é composto de 882 redações, em língua alemã, escritas nos anos de 1996 e 1997 por escolares de 8ª série do 1º grau à 3ª série do 2º grau de três escolas teuto-brasileiras da cidade de São Paulo, a saber, dos Colégios Humboldt, Visconde de Porto Seguro e Benjamin Constant. Entre os informantes, há falantes nativos do português e do alemão, em turmas distintas.

3.1 Caracterização dos dados

O *corpus* contém um total de 146.440 palavras, entre as quais 1.140 ocorrências dos advérbios locais *hier*, *da* e *dort*. As redações dividem-se em 53 grupos, conforme foram produzidas por diferentes turmas de aprendizes em diferentes ocasiões. Dos grupos, 22 compõem-se de produções de falantes nativos do português, 12, de produções de falantes nativos do alemão, e 19 provêm de turmas mistas. Há exemplares de vários gêneros textuais, divididos entre textos narrativos, descritivos e argumentativos, sendo que os primeiros ocorrem com maior frequência nas séries mais baixas e nas turmas de falantes nativos do português, enquanto os últimos se sobressaem nas séries mais avançadas, particularmente na população dos falantes nativos de alemão. Em alguns grupos, todas as redações tratam do mesmo tema, em outros foram oferecidos 2 ou mais temas para livre escolha.

A partir desses dados, pretendemos formular hipóteses sobre a competência dos informantes na escrita. Cabe lembrar que a competência lingüística se manifesta tanto em habilidades produtivas (produção oral e escrita) quanto receptivas (compreensão de textos orais e escritos). Sobre a competência oral, este trabalho não poderá trazer nenhuma contribuição, e tampouco sobre a competência receptiva. A fim de obter um panorama mais completo da competência dos alunos na língua estrangeira, certamente teria sido ideal trabalhar com dados orais, gravados em situações autênticas de comunicação. Contudo não dispunhamos das condições físicas e técnicas para gravar e transcrever dados desse tipo, o que justifica a escolha de dados escritos.

Com respeito à diversidade de tipos de texto, um *corpus* pode ser homogêneo ou heterogêneo. Posto que este estudo não está voltado a aspectos específicos de um gênero textual e que a utilização de advérbios dêiticos locais não se restringe a um único gênero, não teria sido interessante utilizar um *corpus* constituído de textos de um só tipo. Isso não corresponderia à realidade da comunicação, nem da produção efetuada pelos alunos.

Stricto sensu, os nossos dados não permitiriam conclusões em relação à aquisição de alemão como língua estrangeira, por serem produzidos em situações em que poderia haver planejamento prévio. Devido às motivações parcialmente pedagógicas de meu trabalho, entendo, porém, que toda produção de escolares deve estar ligada de alguma forma, mesmo que indireta, à aquisição da linguagem. Portanto, espera-se que os resultados deste trabalho reflitam, ao menos, alguns aspectos válidos desse processo.

3.2 Levantamento dos dados

Como plano inicial, pretendia levantar um *corpus* próprio para esta dissertação. Ao começar a realizar o levantamento, percebi, no entanto, que a digitação ocuparia tanto tempo, que a realização da análise dos dados estaria prejudicada. Como na Área de Alemão foi desenvolvido paralelamente um outro *corpus*, organizado pela colega Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista, sob a orientação do mesmo docente, optou-se por trabalhar conjuntamente para a finalização do *corpus*. Assim, contribuí para a sua elaboração, levantando o material que faltava para completá-lo. O mesmo *corpus* serviu, portanto, aos dois estudos.

Todos os dados foram produzidos conforme o programa desenvolvido pelas escolas e não para serem investigados lingüisticamente. Os textos dividem-se em dois tipos: redações produzidas como lição de casa e redações produzidas em sala de aula, entre as quais há provas de proficiência e redações não ligadas à uma avaliação imediata de aproveitamento.

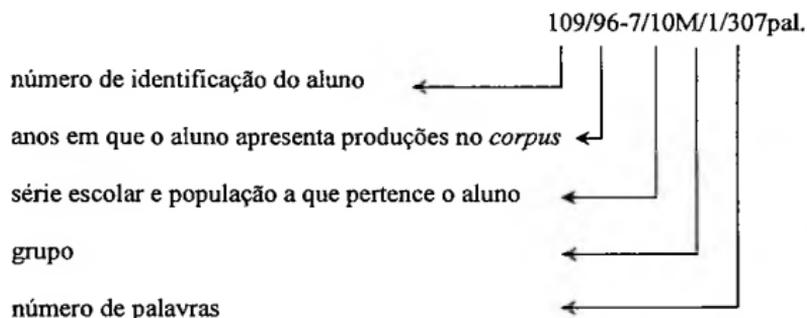
A respeito do sistema das provas de proficiência adotado pelas escolas teuto-brasileiras, cabe explicar que, ao término do primeiro grau, efetua-se a prova da *ZDP – Zentrale Deutschprüfung* (Prova Central de Alemão) e no decorrer do segundo, em momentos variáveis, realizam-se os exames de *KMK I* e *KMK II* (*KMK – Kultusministerkonferenz*: Conselho dos Ministros Estaduais de Cultura da Alemanha). Todos esses exames englobam provas escritas e orais. Na *ZDP*, o aluno tem 75 minutos para escrever por volta de 200 palavras, no *KMK I*, 120 minutos para escrever cerca de 300 palavras e no *KMK II*, 210 minutos para 500 palavras. Os temas das provas são pré-estabelecidos pelo *Bundesverwaltungsamt, Zentralstelle für das Auslandsschulwesen* (repartição pública do governo alemão, que cuida das escolas alemãs em todo o mundo).

Para colecionar os dados, foi estabelecido, primeiramente, contato com as direções e as coordenações dos Colégios Humboldt, Visconde de Porto Seguro e Benjamin Constant, a fim de obter autorização para utilizar as redações escritas por seus alunos. Contamos com a ajuda dos professores de alemão, que nos

entregaram cópias do material. Uma pequena parte, referente às provas de proficiência, foi recolhida dos arquivos dos respectivos colégios.

3.3 Digitação e organização

Depois de coletados, os dados foram digitados, mantendo-se a ortografia e pontuação originais do informante, inclusive todos os erros cometidos. Cada redação digitada recebeu um código alfa-numérico, do qual pode-se extrair diversas informações. Vejamos um exemplo:



O primeiro número do código identifica o aluno, sendo que o mesmo número, no *corpus* todo, se refere sempre ao mesmo aluno. O segundo número identifica o ano da produção. Quando o aluno produziu redações incluídas no *corpus*, em dois anos subsequentes, indicam-se os dois anos de produção na forma 96-7. Nessa abreviatura, aparecerá em negrito o ano em que foi produzida a redação a que se refere o código. O terceiro número identifica a série escolar (8^a, 9^a, 10^a e 11^a) e o tipo de população (F – alemão como língua estrangeira, M – turmas mistas, B – alemão como língua materna) a que o aprendiz pertence. O quarto número identifica o grupo, dentro de cada série, referente a uma determinada população. Em alguns grupos, aparecem até 4 temas diferentes, que correspondem muitas vezes a gêneros textuais diferentes. O final do código informa o número de palavras da redação.

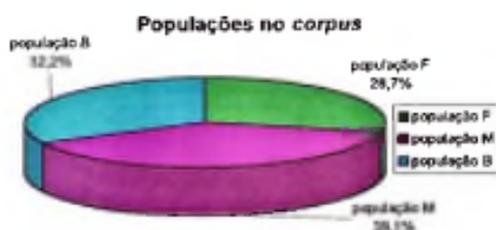
3.4 Informantes e populações

Há três tipos de informantes que contribuíram com suas redações para o *corpus*. Esses foram agregados nas populações F, M e B.

Os informantes da população F não têm contato com a língua alemã em casa. Aprendem-na na escola como primeira ou segunda língua estrangeira. O seu contato inicial se deu, via de regra, entre os 6 e 9 anos de idade, na pré-escola ou no início do primeiro grau. Os informantes da população B são alemães que aprenderam a língua alemã como língua materna, mas que sofrem grande influência da língua portuguesa, por viverem no Brasil. A população M não apresenta característica homogênea quanto ao nível de conhecimento da língua alemã. Os informantes pertencentes a essa população têm, geralmente, conhecimento superior ao dos integrantes da população F.

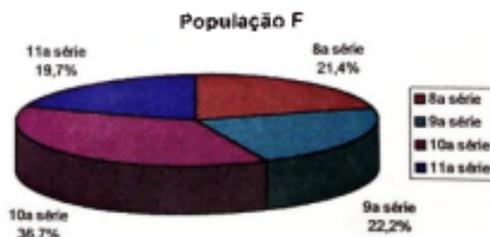
A diferenciação dos informantes em três populações deve-se ao sistema adotado pelo Colégio Humboldt, de onde provêm cerca de 70% dos dados. O material proveniente dos Colégios Visconde de Porto Seguro e Benjamin Constant foi exclusivamente produzido por falantes nativos de português, de um nível análogo à população F. Foi, portanto, reunido à essa população.

O gráfico a seguir mostra como o material contido no *corpus* se divide entre as três populações:



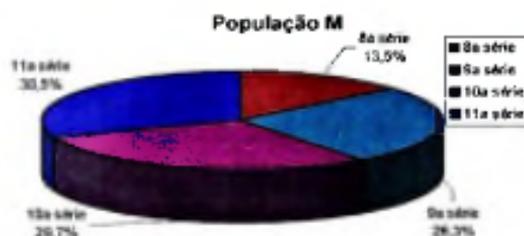
Percebemos um determinado desequilíbrio quantitativo entre as populações, sendo que a população M constitui um pouco mais que um terço e a população F, um pouco menos.

No gráfico, a seguir, verificamos como os informantes da população F se distribuem nas quatro séries:

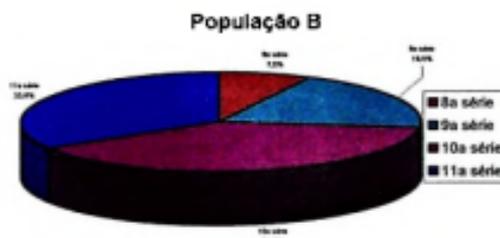


Nessa população, percebe-se uma predominância quantitativa da 10ª série. Também nas outras populações, existe esse tipo de desequilíbrio, que, por motivos técnicos, infelizmente, não pôde ser totalmente evitado.

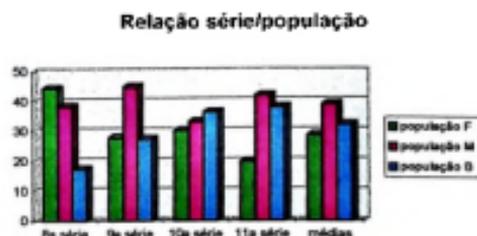
Na população M, predominam as 10ª e 11ª séries, enquanto a 8ª está subrepresentada:



Na população B, as 10ª e 11ª séries estão ainda mais superrepresentadas. A subrepresentação da 8ª série é mais grave nessa população.



O gráfico a seguir mostra uma sinopse da presença das três populações nas quatro séries pesquisadas:



Verificamos que na 8ª série, aproximadamente 45% dos dados provêm de informantes da população F, enquanto a população B contribui apenas com 18%. Na 9ª série, a maior parte dos dados foi produzida por alunos da população M. As populações F e B têm peso igual, um pouco acima de 25%. Na 10ª série, a população B predomina. Na 11ª, M e B têm maior peso quantitativo que F.

3.5 As escolas

Entre as escolas que forneceram dados a esta pesquisa, encontram-se: os colégios Humboldt, Benjamin Constant e Visconde de Porto Seguro, localizados na cidade de São Paulo. Trata-se de colégios teuto-brasileiros, entre cujos alunos estão majoritariamente brasileiros e uma minoria de alemães. Todos os alunos têm aulas de alemão. As três escolas englobam pré-escola e 1º e 2º graus. Nos colégios Humboldt e Visconde de Porto Seguro é oferecido também o *Abitur* alemão. No geral, o ensino de alemão como língua estrangeira inicia-se já na pré-escola.

Os vários temas desenvolvidos e os diversos gêneros textuais presentes nas redações do *corpus* não foram escolhidos propositalmente para esta pesquisa. Os dados foram produzidos exclusivamente em correspondência ao cronograma definido pelas escolas. Além da progressão natural de aquisição das estruturas de uma língua, postulada por KRASHEN (1986), precisamos ter em vista a influência institucional da escola (que poderia ser considerada parte do *input*) em dois pontos principais, a saber, os materiais didáticos utilizados e as tarefas impostas pelo programa escolar.

3.6 Os livros didáticos

Não é, contudo, uma tarefa simples identificar os materiais didáticos utilizados pelos alunos que contribuíram com dados para o *corpus*, uma vez que não existe, entre as escolas e, tampouco em cada uma delas, uma política homogênea quanto ao uso de livros didáticos e outros materiais. A única informação segura é a de que, via de regra, usam-se os livros didáticos *Komm bitte 1 a 4* e *Wer? Wie? Was? 1 a 4*. *Komm bitte* é uma obra destinada às primeiras quatro séries do 1º grau, sendo cada volume concebido para uma série. *Wer? Wie? Was?* visa um público um pouco mais maduro. Cada volume é utilizado em duas séries consecutivas. *Wer? Wie? Was? 1* pode ser utilizado no lugar de *Komm bitte 3 e 4* nas terceira e quarta séries, ao passo que *Wer? Wie? Was? 2* é utilizado posteriormente a *Komm bitte 4*, na quinta e sexta séries. Os alunos da 7ª e 8ª séries trabalham com *Wer? Wie? Was? 3*.

A seguir, procuro identificar, nesses livros, a presença dos advérbios *hier*, *da* e *dort*. Em *Komm bitte 1*, *hier*, *da* e *dort* aparecem somente em função situacional. Também nos dois volumes seguintes, *Komm bitte 2* e *3*, encontramos *hier*, *da* e *dort* majoritariamente como dêiticos situacionais. Além do sentido espacial, *da* pode ser identificado como advérbio temporal. No quarto volume, há algumas ocorrências de compostos de *da* em função endofórica: *dabei*, *damit*, *dazu*, *dafür*, *darüber*, *daneben* e *darauf* (p.ex., *Als ihr im Bett liegt und das Licht ausgemacht habt, kommen Stechmücken und stören euch. Ihr versucht sie zu erschlagen. Dabei passiert manches.* [Quando vocês estão deitados na cama com a luz apagada, vêm mosquitos e incomodam vocês. Vocês tentam matá-los. Enquanto isso, acontecem várias coisas.]).

Os dois primeiros volumes de *Wer? Wie? Was?* são concebidos para iniciantes. No volume 1, *hier*, *da* e *dort* ocorrem apenas em função situacional (p.ex., *Ist Opa hier? Nein, Opa ist nicht hier.* [O vovô está aqui? Não, vovô não está aqui.]). No volume 2, os advérbios começam a ocorrer com função endofórica (p.ex., *In der Nähe von Heidelberg liegt Leimen. Da wohnt doch der Boris.* [Nas imediações de Heidelberg situa-se Leimen. Lá é que mora o Boris.]). Nesse volume há também uma única ocorrência de *hier* como dêitico textual:

- (4) In unserer Schule gibt es eine schöne Pinnwand! Sie heißt: Das ist mein Trauzimmer! (...) Der Riehler Schüler-Kurier wollte mehr darüber wissen!
Hier sind die Fragen und Antworten: – Uta, hast du ein eigenes Zimmer?..
[Em nossa escola existe um lindo mural! Ele se intitula: Este é meu quarto dos sonhos! (...) O jornal Riehler Schüler-Kurier quer saber mais a respeito.
Aqui estão as perguntas e respostas: – Uta, você tem um quarto próprio?..]

Neste exemplo, *hier* faz referência ao texto que segue, no qual desenvolvem-se entrevistas com os quatro alunos citados. Neste sentido, *hier* é usado para indicar um trecho do texto como texto.

Nota-se também o aparecimento de compostos de *da*, como *darum* e *danach* (p.ex., *Aber ich bin noch so müde. Darum bekommt sie [die Katze] das Futter erst später.* [Mas eu estou ainda com tanto sono. Por isso, ela [a gata] recebe a ração só mais tarde.]).

No terceiro volume, *hier*, *da* e *dort* ocorrem, com frequência, em função endofórica, principalmente através da utilização de compostos (*dabei*, *dazwischen*, *daran*, *danach*, *davor*). A frequência desses advérbios em função situacional é bem mais baixa. Em função textual, há apenas uma ocorrência de *hier*:

- (5) Till Eulenspiegel wurde ganz in der Nähe von Wolfsburg, im Dorf Kneitlingen (...) geboren. Man weiß nicht genau, warum das war. Man weiß aber, daß er 1350 in Mölln gestorben ist. Dort kann man noch immer seinen Grabstein sehen.

Hier sind zwei Geschichten aus seinem Buch. Unser Reporter Carlos hat sie für euch ausgesucht.

[Till Eulenspiegel nasceu nas imediações de Wolfsburg, na aldeia de Kneitlingen (...). Não se sabe exatamente quando foi isso. Sabe-se, porém, que ele faleceu em 1350 em Mölln. Lá pode-se ainda ver o seu túmulo.

Aqui estão duas histórias de seu livro. Nosso repórter Carlos as selecionou para vocês.]

Portanto, podemos afirmar que até a 8ª série do 1º grau, todos os aprendizes que contribuíram com dados para o *corpus* já tiveram contato com os advérbios dêiticos *hier*, *da* e *dort*, inclusive alguns compostos, nas funções da dêixis situacional, endofórica e textual. Todavia, esses usos de *hier*, *da* e *dort* não são, em nenhum momento, tematizados sob forma de exercícios específicos. Somente os usos temporais e causais de *da*, não pesquisados no presente trabalho, são apresentados explicitamente.

4. Fundamentação teórica

Neste capítulo, apresentarei alguns conceitos da fundamentação teórica de meu trabalho. No item 4.1, discutirei noções básicas da teoria da dêixis, a partir das obras de BÜHLER (1934=1982) e DIEWALD (1991), enfocando, particularmente, a dêixis espacial. No item 4.2, serão abordados aspectos relevantes da lingüística textual, a saber, o conceito de coesão, como definido por HALLIDAY & HASAN (1976), e o de gênero textual, conforme BIBER (1986), entre outros. No item 4.3, tratarei da teoria da aquisição de línguas estrangeiras, seguindo basicamente SELINKER (1972), a quem se deve a concepção da aquisição de uma segunda língua como um processo de construção e reconstrução de sistemas lingüísticos provisórios, denominados interlíngua (cf. também SELINKER 1992: 150ss.), e KRASHEN (1982), que introduziu, entre outros, a noção da ordem natural. No item 4.4, resumirei alguns aspectos metodológicos em relação a pesquisas empíricas na lingüística.

4.1 Teoria da dêixis espacial

Dêixis é, comumente, definida como a dependência de um elemento lingüístico ao contexto, i.e., à situação de comunicação. Na maior parte dos trabalhos (cf., p.ex., BÜHLER 1934=1982, DIEWALD 1991, KLEIN 1978) a respeito do assunto, a dêixis é caracterizada como uma referência, uma ‘mostração’ lingüística aos elementos do contexto extra-lingüístico. Essa mostração se dá com base em um ponto de partida, a chamada *origo*. BÜHLER (1934=1982: 102) caracteriza a *origo* como o ponto de partida do sistema de coordenadas (em alemão, *Koordinatensystem*), que orienta o estabelecimento da relação entre os elementos do contexto e a enunciação.

Como coloca DIEWALD (1991: 39-43), o “mostrar” pressupõe a existência de um espaço. A autora aposta, como LYONS, em um “localismo” que parte do princípio de que o conceito de espaço é a categoria cognitiva fundamental, que funciona como matriz para outros domínios cognitivos.

The term localism is being used here to refer to the hypothesis that spatial expressions are more basic, grammatically and semantically, than various kinds of non-spatial expressions (...). Spatial expressions are linguistically more basic, according to the localists, in that they serve as structural templates, as it were, for other expressions; and the reason why this should be so, it is plausibly suggested by psychologists, is that spatial organization is of central importance in human cognition. (LYONS 1977: 718)¹

¹ O termo localismo está sendo usado aqui para fazer referência à hipótese de que expressões espaciais são mais básicas, gramatical e semanticamente, que vários tipos de expressões não-espaciais (...). Expressões espaciais são

DIEWALD defende a idéia de que o espaço serve de modelo básico para a construção de outros domínios cognitivos, como tempo, pessoa e modo. Também BECKER & CARROLL (1997) afirmam ser o espaço uma categoria cognitiva e perceptual fundamental.

A referência dêitica se liga a uma determinada dimensão (local, temporal, modal, etc.) e indica um grau de distância entre o objeto situado e a *origo*. O objeto situado deve ser um elemento pertencente ao contexto, mas não necessariamente ao contexto extra-lingüístico. Ele também pode ser um objeto imaginado ou um objeto lingüístico (textual) (cf. DIEWALD 1991: 143). Além das dimensões clássicas local, temporal e pessoal, DIEWALD cita duas outras que denomina objetual e modal. A dimensão objetual refere-se a entidades, existentes ou imaginadas, que não correspondem aos actantes da enunciação. A dimensão modal diz respeito à maneira como um determinado estado de coisas é codificado (cf. ib.: 144).

Para tornar a comunicação efetiva, é preciso haver, dentre outros aspectos, a contextualização espacial, temporal e modal do enunciado. Particularmente espaço e tempo desempenham um papel importante na língua, como também na vida cotidiana. Assim, todas as nossas ações e experiências estão ligadas aos domínios de espaço e tempo (cf. VATER 1991: 1).

Apesar disso, há autores, como FIORIN, que contestam o *status* fundamental do espaço. Segundo esse autor (1996: 258), o espaço é expresso através de morfemas livres e pode, pois, não ser codificado. Tempo e pessoa, ao contrário, são expressos nos morfemas sufixais obrigatórios do verbo, não podendo ser suprimidos. BECKER & CARROLL (1997) entendem que a informação espacial pode ser inferida ou recebida indiretamente com base em determinados princípios do discurso. Parte dessas informações espaciais deriva da estrutura temporal dos eventos.

Para os fins do presente trabalho, considero, entretanto, que em toda e qualquer enunciação há necessariamente uma contextualização espacial e temporal. A possibilidade de não codificar o espaço em determinados contextos, é perfeitamente reconciliável com seu *status* fundamental, porque ela só existe quando a informação espacial é evidente na situação comunicativa.

No seu livro *The acquisition of spatial relations in a second language*, BECKER & CARROLL (1997) comparam as expressões espaciais do alemão e de outras

lingüisticamente mais básicas, de acordo com os localistas, na medida em que servem como modelos estruturais, por assim dizer, para outras expressões; e o motivo pelo qual isto é assim, como psicólogos sugerem plausivelmente, é que a organização espacial é de importância central na cognição humana.

línguas (inglês, alemão e francês) como línguas estrangeiras. As autoras fazem um estudo longitudinal do processo em que aprendizes adultos de alemão adquirem o modo particular dessa língua de expressar relações espaciais. Como recursos para codificar o espaço em alemão, BECKER & CARROLL (ib.: 80s.) mencionam preposições (*in* [em], *unter* [embaixo de], *auf* [sobre]), advérbios (*hier* [aqui], *da* [ai], *dort* [lá]), nomes (*Seite* [lado], *Boden* [fundo], *Ort* [lugar]), verbos (*gehen* [ir], *kommen* [vir]) e a categoria gramatical de caso (*in die Stadt* [à cidade], *in der Stadt* [na cidade]). Em todas essas categorias, os dêiticos exercem um papel decisivo. As autoras apresentam uma tabela panorâmica do sistema de localização no alemão, distinguindo entre advérbios, pró-advérbios e preposições, entre outros. Afirmam que os pró-advérbios podem ser usados na dêixis real (com um gesto de apontar) ou como anafóricos:

EIXOS	PREPOSIÇÕES	PRO-ADVÉRBIOS	ADVÉRBIOS
eixo vertical			
semi-eixo superior	über [acima de]	darüber [acima (disso), lá em cima]	oben [acima]
semi-eixo inferior	unter [embaixo de]	darunter [embaixo (disso), lá embaixo]	unten [abaixo]
eixo sagital			
semi-eixo frontal	vor [em frente a]	davor [em frente (a isso), lá na frente]	vorne [à frente]
semi-eixo posterior	hinter [atrás de]	dahinter [atrás (disso), lá atrás]	hinten [atrás]
eixo lateral			
semi-eixo direito	rechts von [à direita de]	rechts davon [à direita de lá]	rechts [à direita]
semi-eixo esquerdo	links von [à esquerda de]	links davon [à esquerda de lá]	links [à esquerda]

Além dos elementos mencionados na tabela, os advérbios *hier*, *da* e *dort* exercem um papel importante na referência ao espaço.

Em qualquer dimensão, as expressões dêiticas apresentam níveis de distanciamento em relação à *origo*. Assim, identificamos dêiticos que indicam proximidade ou afastamento do ponto zero da enunciação. Aos que indicam proximidade, pertencem, entre outros, *eu*, *aqui* e *agora*, no português, e *ich*, *hier* e *jetzt*, no alemão; aos que indicam afastamento pertencem *você*; *lá* e *outrora*, no português, e *du*, *dort* e *damals*, no alemão (cf. DIEWALD 1991: 33s.).

Os elementos dêiticos podem aparecer em quatro *modi* de mostração, que DIEWALD distingue, seguindo BÜHLER (1934=1982): a **dêixis real** ou **situacional** (em alemão, *Realdeixis* ou *Situationsdeixis*), a **dêixis-fantasma** (em alemão, *Deixis am Phantasma*; cf. SITA 1991), a **endófora** (em alemão, *Textphorik*) e a **dêixis textual** (em alemão, *Textdeixis*).

No *modus* da dêixis real, o campo usado para mostrar/apontar é a situação de comunicação canônica, em outras palavras, o contexto extra-lingüístico da enunciação:

- (6) [...] Sabe por que é que lhe pareço poeta, apesar das Ordenações do Reino e dos cabelos grisalhos? É porque vamos por esta Glória adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros... Lá está o outeiro célebre... Adiante há uma casa... (Machado de Assis. *A desejada das gentes*)

Nesse *modus*, a dêixis pode ser comparada ao gesto de apontar (cf. DIEWALD 1991: 111). A dêixis real é o *modus* de mostração menos complexo, do qual todos os outros derivam. Também é o primeiro *modus* a ser adquirido pela criança.

A dêixis-fantasma diferencia-se da dêixis real pelo contexto usado como campo de mostração: um contexto imaginado. Na dêixis real, há referência a entidades no campo de percepção dos actantes da enunciação, podendo essa referência ser acompanhada por gestos de apontar. Na dêixis-fantasma faz-se referência a um objeto que não se encontra no campo de percepção do enunciador nem do enunciatário, projetando-se um contexto imaginário. Por isso, a dêixis-fantasma faz parte do campo da fantasia criativa (cf. BÜHLER 1934=1982: 123).

Consideremos o seguinte exemplo:

- (7) Es war morgens gegen drei Uhr, und der Tag begann zu dämmern; er schlich nach seiner Werkstatt. Aber hier hatte er noch einen schweren Kampf zu bestehen. Er hatte für einen durchreisenden König von Polen ein Kleid zu verändern, und da es morgen fertig sein sollte und der heutige Tag im Kriegsetümmel verloren gegangen war, so machte er sich selbst daran, es aufzutrennen. (Brentano. *Das Märchen vom Schneider Siebentot auf einen Schlag*)
[Era manhã, por volta das três horas, e o dia começara a alvorecer; ele esgueirou-se até sua oficina. Mas aqui ainda havia uma difícil batalha a ser vencida. Precisava ainda modificar uma roupa para um rei da Polônia, que estava de passagem por ali, e como deveria ficar pronta para amanhã e o dia de hoje fora perdido em tumultos de guerra, então ele próprio se pôs a desmanchá-la.]

A dêixis-fantasma, por diferenciar-se da situacional apenas em virtude do tipo de contexto usado para a mostração, constitui um *modus* muito semelhante a ela. No presente trabalho, não considerarei essa diferenciação, uma vez que ela não se mostra nitidamente nos dados do *corpus*.

No *modus* da endófora, aponta-se a um elemento do contexto lingüístico, o que caracteriza uma mostração puramente sintática. A anáfora e a catáfora são as duas possibilidades de uso desse *modus* de mostração. A anáfora caracteriza-se pela referência a um elemento anterior no texto, e a catáfora ocorre quando da referência a um elemento posterior.

- (8)  Quintília sorriu da metáfora, o que me doeu, e sem razão; ela vendo o efeito, fez-se séria outra vez e tratou de persuadir-me de que era melhor não casar. (Machado de Assis, *A desejada das gentes*) (anáfora)

- (9)  Só quero uma coisa: passar na prova! (catáfora)

A dêixis textual assemelha-se à endófora por fazer referência a um objeto do contexto lingüístico. Nesse *modus*, trata-se de apontar ao texto como texto, o que não ocorre na endófora. Portanto, o próprio texto torna-se o campo dêítico:

- (10) *Cuidei naturalmente que falava ainda de Capitu, e quis perguntar-lho, mas a vontade morreu ao nascer, como outras tantas gerações delas. Limitei-me a inquirir do agregado quando é que iria a casa ver minha mãe:*
– Estou com saudades de mamãe. Posso ir já esta semana?

Esse trecho de *Dom Casmurro* mostra dois eu: o do narrador e o do interlocutor. (FIORIN 1996: 74)

Segundo RAIBLE (1972: 217), a maior parte dos trabalhos a respeito da dêixis ocupa-se da dêixis real. O autor lembra que a dêixis textual também deve ser pesquisada.

Entendo ser o *modus* da dêixis real o mais fundamental, do qual derivam os outros *modi* (cf. DIEWALD 1991: 110). Por isso, considero a endófora e a dêixis-textual mais complexas que a dêixis real. Podemos considerar que há, em ambas, uma mostração intratextual, sendo que a dêixis textual acrescenta um aspecto metalingüístico à mostração. Podemos, pois, perceber que os diferentes *modi* dêíticos se organizam em uma escala de complexidade:

- (11) dêixis real > endófora > dêixis textual

4.2 Aspectos relevantes da lingüística textual

O estudo da dêixis exige, além de conceitos como o de dependência ao contexto, demonstratividade e referência, a consideração de outras questões teóricas que tocam à textualidade.

DE BEAUGRANDE & DRESSLER (cf. 1981: 3ss.) definem texto como uma ocorrência comunicativa, que preenche 7 critérios de textualidade: coesão, situacionalidade, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e intertextualidade. Dentre esses critérios, interessam-nos especialmente os dois primeiros. Os autores (ib.: 50) definem coesão como uma continuidade das ocorrências, ou seja, como a relação pela qual um elemento do discurso se refere a outro. Assim, a coesão corresponde à relação de correferência entre as expressões lingüísticas de um texto.

HALLIDAY & HASAN (1976) distinguem entre cinco tipos de meios coesivos: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. FÁVERO (1993: 17) propõe uma reclassificação, atribuindo à coesão textual três subcategorias: a coesão referencial (que engloba referência, substituição e elipse), a coesão seqüencial (que corresponde àquilo que HALLIDAY & HASAN denominam conjunção) e a coesão recorrencial (lexical). Os elementos dêiticos em geral contribuem para a coesão referencial, já que só podem ser interpretados semanticamente com base em outros itens do discurso. Portanto, interessa-nos antes a coesão referencial à coesão seqüencial e recorrencial.

A referência pode ser feita a elementos que pertencem à situação de comunicação. Neste caso, é denominada **situacional** ou **exofórica**. Quando há referência a elementos dentro do próprio texto, diz-se que há referência **textual** ou **endofórica**.

Também os advérbios espaciais *hier*, *da* e *dort*, no *modus* endofórico, são recursos coesivos, como no seguinte exemplo (cf. BLÜHDORN 1999: 96):

- (12) Em junho de 1812 Napoleão chegou às margens do rio Njemen. Aqui construiu um depósito de mantimentos antes de invadir o território russo.

Nesse exemplo, entende-se que o falante não se encontra no lugar em que se dá o acontecimento. Portanto, o intérprete só pode entender o advérbio *aqui* como endofórico.

Também existe a possibilidade de um mesmo dêitico exercer mais de uma função ao mesmo tempo. Assim, por exemplo, na sentença:

(13) Aqui no Brasil há muito calor humano.,

aqui exerce a função situacional ao referir-se ao local do falante, mas pode também ser entendido como catafórico, uma vez que é correferencial com o sintagma *no Brasil*. Nesse caso, pode-se dizer que a interpretação endofórica é facultativa.

Um segundo conceito proveniente da lingüística do texto, importante para meu trabalho, é o do gênero textual. No *corpus* utilizado neste trabalho, existem exemplares de diversos tipos de texto. Como uma das principais funções da escola consiste no preparo dos alunos para o domínio da língua em situações variadas, os aprendizes são instruídos a lidar com diversos gêneros textuais. Segundo DOLZ & SCHNEUWLY (1996), os gêneros constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. É de interesse saber, se pode-se esperar alguma influência dos gêneros textuais sobre a utilização dos advérbios *hier, da e dort*.

Em nosso cotidiano, somos submetidos a textos pertencentes a diversos gêneros. Um falante competente de uma língua é capaz, entre outros, de identificar gêneros textuais vários e construir textos de diferentes gêneros nessa língua, seguindo regras específicas em relação ao emprego dos recursos lingüísticos.

Vários linguistas têm pesquisado os gêneros textuais, procurando defini-los e descrevendo as regras de constituição de cada um deles. HEINEMANN & VIEHWEGER (1991: 143) apontam para a diversidade de critérios usados no estabelecimento de tipologias textuais, entre eles, critérios formais, conceituais e pragmáticos. Também VATER (1994: 159-176) relata várias tentativas de classificação de gêneros textuais.

SANDIG (1972) estabelece diferenças entre textos literários e não-literários e sugere a caracterização de textos através de três oposições:

- (i) texto falado vs. escrito
- (ii) produção espontânea vs. não espontânea
- (iii) constituição monológica vs. dialógica

De forma semelhante, HELBIG (1975) usa de traços para diferenciar gêneros textuais. Ele trata da oposição língua falada vs. língua escrita como opostos diametrais, sem graus intermediários.

WERLICH (1979: 30ss.) usa um critério pragmático, a saber o ato de fala

predominante, para distinguir entre cinco tipos de texto: texto descritivo, narrativo, expositivo, argumentativo e instrutivo. Classificações de atos de fala já constituem uma tradição na lingüística desde os trabalhos clássicos de Austin e Searle (cf. GREWENDORF 1980: 290). No presente trabalho, utilizaremos a classificação concebida por WERLICH, restringindo-nos, contudo, a três dos tipos por ele mencionados, conforme o material contido no *corpus*:

- textos narrativos  com discurso direto
sem discurso direto
- textos descritivos  de objeto dinâmico
de objeto estático
- textos argumentativos  interpretação
dissertação

Os textos narrativos são redações com títulos como *Kartoffelferien* [Férias da batata], *Mein Raumflug* [Meu vôo espacial] etc. Entre elas, há também narrativas recontadas ou dirigidas por quadros ou perguntas, bem como cartas (um tipo de texto freqüente em exercícios de redação). Em alguns dos textos narrativos há ocorrências de discurso direto fictício.

Entre os textos descritivos, encontram-se aqueles que descrevem objetos dinâmicos, como, por exemplo, as atividades típicas exercidas no decorrer de um dia de um adolescente, e aqueles que descrevem objetos estáticos, como, por exemplo, um quadro. A essa categoria pertencem também os resumos de texto.

Aos textos argumentativos correspondem redações a respeito de temas que suscitam a possibilidade de opiniões opostas, como a interpretação de um texto literário e a dissertação.

A distribuição exata dos tipos de texto no *corpus* será elucidada adiante, no capítulo 6.

Uma abordagem mais recente em relação aos tipos de texto foi desenvolvida por BIBER (1986²). O autor parte da oposição entre língua falada e escrita e procura identificar a possível gradação entre esses dois pólos, mediante métodos estatísticos. Sua pesquisa baseia-se em dois grandes *corpora* de material falado e escrito em língua inglesa (545 textos, subdivididos em 16 gêneros, desde a

² Cito aqui o artigo de Biber (1986) e os números nele contidos. Advirto, no entanto, que, entre as numerosas publicações do autor, há uma determinada inconsistência quanto aos parâmetros da pesquisa, de modo que nem todas as informações coincidem em todos os trabalhos.

conversação espontânea até a prosa acadêmica). Nesse material, ele pesquisa a variação e co-variação de 41 características formais, como, por exemplo, ocorrência de pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, advérbios espaciais e temporais, nominalizações etc. As características co-variáveis são agregadas para formar fatores, que definem escalas, as quais, por sua vez, relacionam entre si os diferentes tipos de texto. Desse modo, BIBER procura explicitar estatisticamente as intuições que os falantes competentes da língua inglesa usam ao reconhecer e produzir textos de determinados tipos.

Segundo o autor, são três os parâmetros responsáveis pela variação textual:

- (i) texto editado vs. interativo (fator 1),
- (ii) conteúdo abstrato vs. situado (fator 2),
- (iii) estilo mediado vs. imediato (fator 3).

O fator 1 refere-se ao grau de elaboração formal, perceptível no texto. O fator 2 diz respeito ao grau de independência do contexto espaço-temporal, enquanto o fator 3 remete ao grau de mediação comunicativa. Os três fatores refletem-se em marcas linguísticas.

O estudo de BIBER faz uma contribuição importante para este trabalho, por possibilitar, através do modelo dos fatores, um escalonamento dos tipos de texto contidos no *corpus*. Para a consideração do uso de advérbios espaciais, o fator 2 é o mais relevante. Todas as marcas linguísticas responsáveis pela contextualização espacial e temporal do texto possuem um peso negativo em relação a esse fator, i.e., quanto mais abstrato for o conteúdo, menos freqüente será o aparecimento de advérbios espaciais e temporais (cf. BIBER 1986: 396). Assim, os tipos de texto presentes no *corpus* ordenam-se da seguinte maneira:

conteúdo abstrato



dissertação
interpretação
descrição de objeto estático
descrição de objeto dinâmico
narrativa sem discurso direto
narrativa com discurso direto

conteúdo situado

Em textos de conteúdo situado, o aparecimento de advérbios de lugar é mais freqüente em função situacional, enquanto, em textos de conteúdo abstrato, seus usos endofórico e textual são mais típicos. Isso engloba também os compostos

de *da*. Nos textos de conteúdo abstrato, *hier*, *da* e *dort* servem, principalmente, como recursos coesivos. Cabe, contudo, lembrar que *da* é usado, nessa função, apenas em referência a seres inanimados. Em referência a seres animados, usam-se pronomes:

- (14) Mit dem Buch (ser inanimado) habe ich Schwierigkeiten. → Damit habe ich Schwierigkeiten.
[Com esse livro tenho dificuldades. → Com isso tenho dificuldades.]
- (15) Mit Thomas (ser animado) habe ich Schwierigkeiten. → Mit ihm habe ich Schwierigkeiten.
[Com o Thomas tenho dificuldades. → Com ele tenho dificuldades.]

O gênero textual revela-se um aspecto decisivo na escolha dos dêiticos espaciais e do *modus* em que serão utilizados. Parece-me, portanto, necessário relacionar o uso de *hier*, *da* e *dort* como dêiticos situacionais, endofóricos e textuais aos temas e gêneros solicitados dos aprendizes da 8ª à 11ª série.

4.3 Aquisição de línguas estrangeiras

Embora o presente trabalho não trate diretamente de questões da aquisição do alemão como língua estrangeira, é relevante rever alguns aspectos que tocam a esse problema, tendo em vista que os informantes desta pesquisa pertencem a quatro séries escolares sucessivas. O trabalho tem por objetivo observar as diferenças que se mostram em sua produção e verificar em que medida elas estão ligadas à aquisição.

Durante certo período, grande parte dos estudos da aquisição de línguas estrangeiras girava em torno do conceito do erro. Inicialmente, esse era considerado apenas um aspecto negativo. Posteriormente, CORDER (1967) chamou a atenção dos lingüistas para seu valor diagnóstico.

SELINKER (1972) introduziu o conceito de interlíngua. Essa noção refere-se a um sistema cognitivo provisório da língua estrangeira. Segundo esse modelo, a aquisição de uma língua estrangeira é concebida como uma seqüência de interlínguas, cada vez mais complexas. Aquilo que antigamente era percebido como erro, passou a ser considerado característica integral do sistema da interlíngua. Desde então, a pesquisa sobre aquisição de línguas estrangeiras ocupa-se em verificar como o indivíduo constrói tais sistemas provisórios.

Assim como CORDER mostrou que os erros servem de “janelas” para a organização do sistema provisório da língua, SELINKER (1969) introduziu uma

nova visão da noção de transferência. O autor entende que algumas estruturas sintáticas da língua materna tendem mais a serem transferidas para a interlíngua que outras. Portanto, a transferência ocorre, quando uma série de comportamentos e processos de um conhecimento lingüístico anterior, não necessariamente da língua materna contribuem para a organização da interlíngua (SELINKER 1992: 207s.). Essa noção é hoje mais conhecida como interferência. Assim como o autor (ib.: 210), acredito que estratégias como a evitação e a transferência, dentre outras, integram o processo de construção e reconstrução da interlíngua. Portanto, tais estratégias podem contribuir para a compreensão e interpretação de nossos dados.

KRASHEN, em seu livro *Principles and Practice in Second Language Acquisition* (1982), tenta conciliar a teoria da aquisição e a prática do ensino. Ele formula cinco hipóteses a respeito da aquisição de uma língua estrangeira:

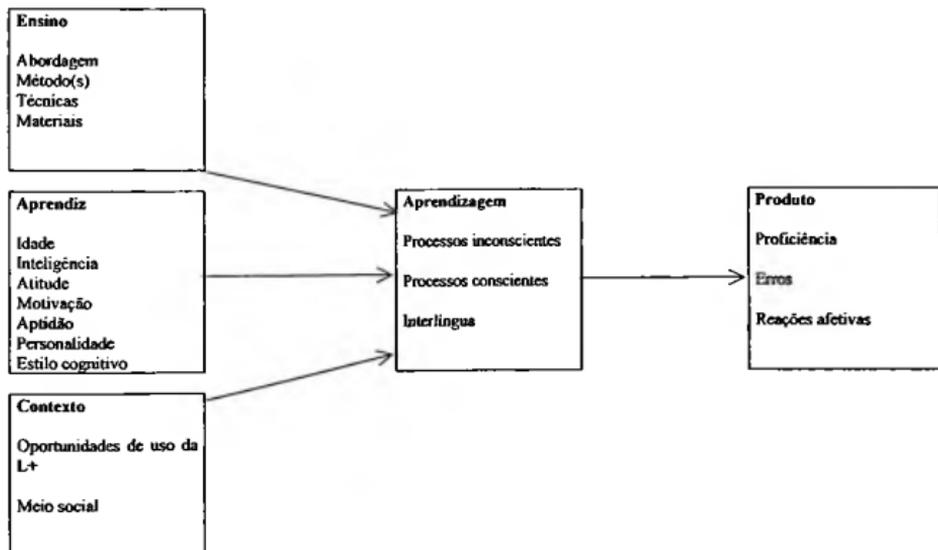
- (i) Segundo a hipótese da distinção entre **aquisição e aprendizagem**, o processo de aquisição ocorre inconscientemente, quando da utilização da língua como instrumento de comunicação, enquanto a aprendizagem é um modo consciente do desenvolvimento da competência lingüística.
- (ii) A hipótese do **monitor** prevê que a competência adquirida é usada na produção espontânea, enquanto a competência aprendida é usada na edição/correção, monitorando esses processos.
- (iii) Na terceira hipótese, KRASHEN alerta para a importância do **input** na aquisição de uma língua. Ao recebermos *input* compreensível (com ajuda do contexto), somos capazes de paulatinamente adquirir estruturas cada vez mais complexas.
- (iv) A hipótese do **filtro afetivo** relaciona o processo de aquisição de uma segunda língua a fatores afetivos. Segundo essa hipótese, quanto maiores os aspectos afetivos positivos (ou seja, baixa ansiedade, alta motivação e auto-confiança), melhores os resultados no processo de aquisição.
- (v) A hipótese da **ordem natural** postula haver uma seqüência natural de aquisição das estruturas gramaticais da língua estrangeira. Em várias pesquisas, detectou-se haver uma tendência dos aprendizes a adquirir determinadas estruturas gramaticais antes de outras, conforme sua língua materna.

KRASHEN (ib.: 13) afirma haver uma semelhança entre a ordem de aquisição das estruturas da língua materna e da língua estrangeira, embora essas ordens não sejam idênticas.

Das hipóteses formuladas por KRASHEN, duas são de especial interesse a este estudo: as da ordem natural e do *input*. A primeira é relevante, pois o estudo se baseia em dados de quatro séries sucessivas, o que leva à expectativa de encontrar indícios de alguma ordem de ocorrência dos advérbios *hier*, *da* e *dort* e dos seus diferentes *modi* de uso.³ A influência do *input* poderia, entre outros, ser mediada pelo material didático aplicado em sala de aula.

O conceito da ordem natural está estreitamente ligado à idéia da economia cognitiva. Entre outros aspectos, essa idéia pode ser relacionada à aquisição, ao prever que estruturas menos complexas são adquiridas antes de estruturas mais complexas, o que instauraria uma ordem na aquisição. Assim pode ser explicado o fato de a dêixis real geralmente surgir antes da dêixis endofórica e da textual.

JOVANOVIC (1997) apresenta o seguinte modelo globalizante dos fatores que influenciam o processo de aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira, que adaptei para as finalidades deste trabalho:



³ O conceito da ordem natural foi relativizado por ELLIS (1994b: 139ss.), que postula a existência de variabilidade na ordem de aquisição das estruturas de uma língua estrangeira. Contudo, essa crítica é pouco relevante para meu trabalho, que se baseia antes em dados empíricos que em modelos teóricos.

À esquerda desse esquema, são representadas as condições prévias em relação ao processo da aprendizagem. À direita, estão os resultados da aprendizagem, que se manifestam de alguma forma externamente. Ao centro, encontramos os fatores cognitivos, que não se manifestam diretamente ao mundo externo. Os processos conscientes englobam, entre outros, aquilo que KRASHEN (1982) denomina monitor linguístico. Os processos inconscientes são aqueles que funcionam automaticamente e sobre os quais o aprendiz não exerce controle, utilizados na construção da interlíngua, como, por exemplo, a interferência.

Evidentemente, não será possível abordar todos os fatores do quadro no presente trabalho. Da coluna esquerda, os mais relevantes para esta pesquisa são os materiais didáticos, a idade (série) e a escola e da coluna central, os processos inconscientes e a interlíngua.

Em suma, a fim de compreender supostos padrões de regularidade na ocorrência de *hier*, *da* e *dort*, as seguintes possíveis explicações serão levadas em conta na análise dos dados do *corpus*:

- (i) influência do *input* recebido em sala de aula,
- (ii) influência da língua materna ou de outra língua estrangeira e
- (iii) princípios universais de economia.

Na bibliografia existente sobre aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras, interessam para o presente trabalho, particularmente, as pesquisas relacionadas a elementos dêiticos, sobretudo os espaciais. Observa-se que há material abundante acerca da teoria da dêixis espacial, contudo, pouco sobre sua aquisição/aprendizagem, especialmente em relação a línguas estrangeiras.

ELLIOT (1981: 127) relata alguns estudos que examinam a aquisição de termos dêiticos pela criança. Eve CLARK (1972) e Herbert CLARK (1973), por exemplo, estudaram a ordem de aquisição das preposições espaciais *in* [em], *on* [sobre] e *at* [a] do inglês como língua materna. TANZ (1980) pesquisa a aquisição de demonstrativos (*this* [este], *that* [aquele]) e locativos (*here* [aqui] e *there* [lá] na língua materna), CLARK & GARNIKA (1974) tratam dos verbos dêiticos *come*, *go*, *bring* e *take* e KARMILOFF-SMITH (1979), de determinantes.

Como resultado desses estudos, ELLIOT (1981: 145) observa que a competência receptiva dos termos dêiticos obedece a uma ordem natural, em função da complexidade de sua composição semântica. Como exemplo, a autora cita a oposição entre os advérbios estáticos *here* [aqui] vs. *there* [lá], comparando-a com a oposição mais complexa entre os verbos dinâmicos *come* [vir] vs. *go* [ir], via de regra, adquiridos posteriormente.

Segundo BECKER & CARROLL (1997: 14), a conceptualização do espaço parece universal. O espaço é cognitivamente representado em três dimensões de importâncias de graus diferentes. A essa base universal, cada língua acrescenta diferenciações mais sutis, conforme os recursos lingüísticos por ela disponibilizados para a codificação da informação espacial. Um exemplo são as diferenças dos sistemas de locativos do português e do alemão discutidas no capítulo 2 deste estudo.

BECKER & CARROLL (ib.) alertam para a diferença entre a aquisição de expressões espaciais na língua materna e na língua estrangeira. Enquanto na língua materna, as noções espaciais são adquiridas paralelamente aos respectivos recursos lingüísticos, o aprendiz de uma língua estrangeira já traz consigo um conhecimento prévio dos conceitos espaciais, formado de acordo com sua língua materna. Esse conhecimento pode interferir na aquisição da língua estrangeira, na medida em que os conceitos da língua materna são ou não compatíveis com os recursos da língua-alvo.

4.4. Aspectos metodológicos

Uma vez que se trata, no presente estudo, de uma pesquisa baseada em dados empíricos, é necessário refletir ainda a respeito de alguns aspectos metodológicos.

CORDER (1974) considera cinco estágios pertencentes a pesquisas lingüísticas empíricas:

- (i) coleta da amostra de dados,
- (ii) identificação do objeto de estudo,
- (iii) descrição dos dados,
- (iv) explicação,
- (v) avaliação dos resultados.

Com relação à coleta de dados, LIMA (1996: 124) distingue entre três tipos de amostra: *amostras incidentais* (que trazem dados de um só informante), *amostras específicas* (que envolvem um número limitado de informantes) e *amostras amplas* (que reúnem dados de um grande número de informantes). A minha pesquisa baseia-se em uma amostra ampla de 882 redações produzidas por 262 aprendizes.

A respeito do modo de coleta, distingue-se entre produção espontânea e eliciada (cf. LIMA 1996: 125). As redações que compõem a amostra por mim estudada

não foram dirigidas para o uso de advérbios espaciais, de modo que os dados podem ser considerados de produção espontânea.

Em relação ao objeto de estudo, precisa-se verificar a adequação entre os dados e as questões estudadas. Evidentemente, não é possível estudar qualquer questão, a partir de qualquer material. LIMA (1996) menciona a oposição entre investigações longitudinais e transversais. O estudo transversal analisa dados de determinados pontos históricos, sem documentar a evolução cronológica, ao passo que o estudo longitudinal investiga dados em seu desenvolvimento temporal. A aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira, por ser um processo cronológico, só pode ser adequadamente estudada com uma metodologia longitudinal.

Meu *corpus* documenta a produção escrita de alunos da 8ª à 11ª séries, sem que haja nele sistematicamente dados do mesmo informante, ligados por uma seqüência temporal. Conseqüentemente, esse material possibilita apenas um estudo transversal, ou seja, *stricto sensu*, podem-se tirar conclusões apenas a respeito da produção escrita e não da aquisição/aprendizagem. Por outro lado, é de se considerar que toda produção deve estar ligada, de algum modo, a uma aquisição anterior, já que uma pessoa que não adquiriu nada, jamais poderá produzir algo. Isso significa que deve ser possível tirar conclusões indiretas sobre a aquisição, a partir dos meus dados, uma vez que tudo o que os informantes produziram, deve ter sido adquirido/aprendido por eles anteriormente.

Com respeito à descrição dos dados, pode-se distinguir entre critérios quantitativos e qualitativos. Em meu estudo, as meras ocorrências dos advérbios *hier*, *da* e *dort* constituem um fenômeno quantitativo, enquanto seu emprego nos diferentes *modi* é um fator qualitativo. Cabe ressaltar que focalizarei antes os aspectos qualitativos aos quantitativos.

Quanto à explicação de peculiaridades da produção de aprendizes de uma língua estrangeira, muitos autores recorreram à análise contrastiva e postularam que diferenças sistemáticas entre língua materna e estrangeira conduzem a dificuldades e erros, enquanto semelhanças entre elas facilitam a produção correta. Contudo, estudos empíricos têm mostrado que nem todas as diferenças entre língua materna e estrangeira dificultam a aquisição/aprendizagem e nem todas as semelhanças a facilitam (cf. LIMA 1996). Mesmo assim, a análise contrastiva continua a ser uma importante aliada da pesquisa de aquisição/aprendizagem.

Na avaliação final, é importante considerar algumas outras variáveis, como o contexto social da produção dos dados – no meu *corpus*, as condições escolares e

familiares dos alunos. Além disso, os dados podem ser interpretados em relação à competência e/ou à performance dos informantes. ELLIS (1994a) faz a distinção entre erros de competência e erros de performance. Erros de performance estão ligados a problemas do processamento lingüístico ou a problemas pragmáticos, enquanto erros de competência podem ser interlinguais ou intralinguais. Tal distinção, no entanto, não poderá ser observada com base em meus dados.

5. Descrição dos critérios e do procedimento da análise

No meu projeto, levanto algumas hipóteses a respeito da utilização dos advérbios *hier*, *da* e *dort* e de seus *modi* de uso, diferenciando entre dêixis real, endófora e dêixis textual. O procedimento de análise divide-se nas 6 etapas seguintes:

- (i) coleta e digitação dos dados,
- (ii) identificação e marcação das ocorrências no *corpus*,
- (iii) homogeneização dos grupos de redações,
- (iv) descrição do tipo de emprego e avaliação quantitativa,
- (v) explicação das ocorrências,
- (vi) interpretação dos dados.

No capítulo 3, foram apresentadas as condições de obtenção dos dados. A sua maior parte foi coletada por Maria Cristina R. Guedes Evangelista e por ela mesma digitada. Levantamento e digitação dos dados complementares foram de minha responsabilidade. Procurou-se manter, sempre, a ortografia e pontuação originais.

Na segunda etapa, foram identificadas e marcadas manualmente todas as ocorrências de *hier*, *da* e *dort*, incluindo seus compostos. Identifiquei com azul as ocorrências de *hier* e seus compostos, com vermelho, *da* e compostos e com verde, *dort* e compostos. Embora fosse possível recorrer à marcação automática, preferi fazê-la manualmente, pois formas com erros de ortografia poderiam não ser reconhecidas durante a marcação automática.

Durante a identificação das ocorrências dos três advérbios no *corpus*, percebi a existência de alguns grupos de redações que apresentavam anomalias em relação aos demais grupos. Para evitar possíveis distorções da análise quantitativa, que poderiam ser induzidas por esses grupos, o *corpus* foi homogeneizado, conforme os seguintes critérios:

- Grupos de redações com número de palavras muito reduzido foram excluídos, pois nesses grupos já uma única ocorrência de *hier*, *da* ou *dort* corresponderia a uma porcentagem inadequadamente alta. Diante de uma média de cerca de 2.400 palavras por grupo, foram eliminados 6 grupos, que possuíam um número de palavras de 25% ou menos dessa média (≤ 600 palavras).
- Grupos de uma média de ocorrências de *hier*, *da* e *dort* muito reduzida ou muito elevada também foram excluídos. Diante de

uma média total de 0,78 ocorrências de *hier*, *da* e *dort* em cada 100 palavras do *corpus*, foram eliminados 3 grupos, que possuíam menos que a metade dessa média ou muito mais que seu dobro.

- Houve, ainda, um grupo isolado, cujo tamanho total e cuja média de ocorrências de *hier*, *da* e *dort* estavam dentro das margens estipuladas, mas que apresentava somente ocorrências de compostos de *da* concentradas em apenas três redações. Como o *corpus* não apresentava nenhum outro grupo com característica semelhante, esse também foi excluído.

Essa homogeneização teve por objetivo obter valores quantitativos o mais próximos possível da realidade. Um panorama quantitativo dos grupos do *corpus* que não foram considerados na pesquisa encontra-se nas tabelas 1A, 1B, 1C e 1D, nos itens 9.1.1, 9.1.2, 9.1.3 e 9.1.4, respectivamente.

Em seguida, iniciei o primeiro procedimento de análise dos dados: a sua classificação segundo o *modus* dêitico em que foram utilizados. Os *modi* foram destacados mediante diferentes tipos de grifo. Subseqüentemente, procedi à contagem das ocorrências. Levantei, em cada grupo de redações, o número de ocorrências de cada advérbio nos três *modi* dêíticos e no uso não-dêitico.

Organizei os resultados da contagem em duas tabelas (vide capítulo 9). Na primeira (tabelas 2A-1, item 9.2.1; 2A-2, 9.2.2 e 2A-3, 9.2.3), apresento o número total de ocorrências de cada um dos três advérbios, em relação ao número total de palavras de cada grupo de redações, considerando, ainda, a série e a população. Em todos os grupos distingo entre o número total de ocorrências e as ocorrências apenas dos advérbios compostos. Na segunda tabela, apresento esses mesmos resultados divididos entre os três *modi* (dêixis real: tabelas 2B-1, 2B-2 e 2B-3, nos itens 9.3.1, 9.3.2 e 9.3.3; endófora: tabelas 2C-1, 2C-2 e 2C-3, nos itens 9.4.1, 9.4.2 e 9.4.3; dêixis textual: tabelas 2D-1, 2D-2 e 2D-3, nos itens 9.5.1, 9.5.2 e 9.5.3; uso não-dêitico: tabelas 2E-1, 2E-2 e 2E-3, nos itens 9.6.1, 9.6.2 e 9.6.3).

A partir dessa estruturação dos resultados, procedo à análise propriamente dita, na qual pesquiso as relações entre quatro parâmetros: população, série, advérbio dêitico e *modus* de uso. Elaboro gráficos e diagramas para identificar peculiaridades de cada população, série, advérbio e *modus*.

Na última etapa, a da avaliação, interpreto o comportamento dos dados, conforme os três seguintes aspectos (vide item 4.3 acima):

- (i) o papel do *input* nos dados produzidos, i.e., de que modo e em que grau os materiais e as tarefas exigidas dos alunos influenciam suas produções,
- (ii) o papel de interferências, nas quais conhecimento lingüístico da língua materna é usado na construção da interlíngua e, finalmente,
- (iii) o papel de princípios universais de economia, que explicam a aquisição/aprendizagem de uma determinada forma lingüística antes de outra.

Os resultados da análise serão apresentados em pormenores nos capítulos 6 e 7, a seguir.

6. Análise do *corpus*

6.1 Introdução

A análise dos dados divide-se em nove itens, dedicados a diferentes questões em relação ao uso dos advérbios *hier*, *da* e *dort*. Após a introdução, analiso, primeiramente, as proporções quantitativas globais de *hier*, *da* e *dort* no *corpus* como um todo (item 6.2). Em seguida, observo, com maior atenção, o comportamento de *hier* (item 6.3), *da*, item 6.4 e *dort*, item 6.5 em relação às três populações de informantes (F, B e M) e as quatro séries escolares (8ª à 11ª), passando, então, aos advérbios compostos (item 6.6). Nos itens subsequentes, pesquiso em detalhes o emprego dos advérbios no *modus* da dêixis real (6.7), da endófora (6.8) e da dêixis textual (6.9), antes de comparar os dados produzidos por falantes nativos e não-nativos (item 6.10).

Antes de poder iniciar a análise, é necessário, porém, discutir alguns aspectos ligados à classificação de *da* e aos gêneros textuais presentes no *corpus*.

6.1.1 Classificação de *da*

DI EWALD (1991: 154ss.) caracteriza *da* como arquidêitico, i.e., um elemento não-marcado em relação à dimensão (local, temporal, causal ou modal) e à distância (proximidade vs. afastamento). É o primeiro dêitico e, até mesmo, uma das primeiras palavras a serem adquiridas na língua materna (VATER 1991: 2). Isso ocorre em função de seu significado neutro, bem como de sua forma fonológica simples. Quando usado na endófora, seu caráter demonstrativo lhe permite funcionar como sinal de identificabilidade.

Conforme WUNDERLICH (1982: 1), o conceito de espaço é fundamental para a organização da língua e da cognição. Tal fato se comprova, entre outros, na transferência de meios lexicais e gramaticais, como *da*, do espaço para os domínios da temporalidade e da causalidade. Nem sempre pode-se ter absoluta certeza de que um tal elemento seja realmente utilizado como dêitico.

O uso temporal de *da* pode ser ilustrado com o seguinte exemplo do *corpus*:

- (16) Die Kurzgeschichte "Das Festessen" handelt von zwei Jungen die Günther und Robert heißen. Die Mutter veranstaltet ein Essen, wo der Chef vom Vater eingeladen ist. Da hat die Mutter von den beiden Jungen ihnen versprochen, daß sie ein Eis mit Himbeersauce bekommen, wenn sie ordentlich und still verhalten. (193/96-97/10B/1)
[O conto "O banquete" trata de dois rapazes, que se chamam Günther e Robert. A mãe organiza um jantar, para o qual o chefe do pai é

convidado. Aí, a mãe dos dois rapazes prometeu a eles, que receberiam sorvete com calda de framboesa, se eles se comportassem adequada e silenciosamente.]

Em tais casos, *da* não possui sentido espacial, mas sim, temporal. Ele continua a ser um elemento dêitico, mas, como este estudo se ocupa exclusivamente de dêiticos espaciais, não poderá ser considerado aqui.

O uso causal de *da* aparece na seguinte sentença:

- (17) *Meiner Meinung nach sollte es am Strand keine Disco geben, aber schon das es eine gibt, könnte sie wenigstens spezielle Wände einbauen lassen, die den Lärm nicht durchlassen. Aber das machen sie ja natürlich nicht, da es viel zu teuer sein würde. (166/96-7/10M/2)*
[Na minha opinião, não deveria haver danceteria na praia, mas já que existe uma, ela poderia, ao menos, construir paredes especiais, que não deixassem o barulho passar. Mas, naturalmente, não fazem isso, já que isso seria caro demais.]

Nesse exemplo, *da* não é advérbio, mas sim, uma conjunção subordinativa. BLÜHDORN (1999: 187) mostra que existem também usos de *da* como advérbio causal e modal. Essas variantes, porém, não ocorrem no *corpus*.

Em sentenças como a seguinte, *da* serve como mero sinal de identificabilidade (definitude):

- (18) *Ich meine, daß ich bestimmt in einem netten Platz arbeiten werde, denn ich werde eine nette Karriere aussuchen, mich sehr anstrengen, ein gutes Leben haben und sehr glücklich damit sein. (177/96-7/10M/3)*
[Eu acho que, com certeza, eu vou trabalhar em um lugar legal, pois eu vou escolher uma carreira legal, vou me esforçar muito, ter uma vida boa e ser muito feliz com isso.]

Aqui se trata de um uso endofórico não-espacial, pois a preposição *mit* não codifica informação espacial. Em junções de *da* com preposições, como *damit* [com isso], *dafür* [para isso], *dazu* [além disso, com isso, para isso] etc., as preposições posicionam-se posteriormente ao *da*, tornando-se posposições.

O seguinte exemplo contém uma ocorrência de *da*, que não se encaixa no modelo de classificação aqui proposto e, portanto, foi classificada como uso não-dêitico:

- (19) *[...] Wen dieser auch noch Freunde hat die Drogen konsumieren dann wird dieser früher oder später auch nach Drogen greifen. Doch wie die Freund einen hinunter ziehen können sind die richtigen Freund auch die die einen aus so einer situation rausholen, indem sie einem zeigen was in*

wirklichkeit wichtig ist und das leute da sind die sich kümmern (...)]
(196/10B/97/3)

[(...) se esse ainda tiver amigos que consomem drogas, então esse usará mais cedo ou mais tarde também drogas. Mas, do mesmo modo que os amigos podem afundar alguém, são os verdadeiros amigos também aqueles que tiram alguém de uma situação como essa, mostrando o que é importante de verdade e que existem pessoas que se preocupam (...)]

Nesse caso, a expressão *da sein* significa "existir", perdendo seu caráter dêitico espacial.

No *corpus* foram encontradas no total três variantes de *da*, classificadas como não-dêiticas:

(i) *da sein*, no sentido de "existir", como no exemplo acima

(ii) *da sein*, no sentido de "estar presente", como em:

(20) Nach meiner Meinung darf ich das Leben meiner Frau nicht entscheiden. Wenn ich in sie wirklich verliebt bin, muß ich immer da sein wenn sie mich braucht. (126/96-7/10M/97/1)

[Na minha opinião, não posso decidir a vida da minha mulher. Se eu realmente estiver apaixonado por ela, preciso estar sempre lá, quando ela precisar de mim.]

(iii) *da*, como partícula expletiva, como em:

(21) Es gibt viele Rekordleistungen, die mich beeindruckt haben. Aber da gibt es zwei Rekordleistungen, die, ich denke, schon eine Grenze sind. (156/96-7/10F/5)

[Tem vários recordes que me impressionaram. Mas (lá) tem dois recordes, que, eu acho, que já são limites.]

Em casos como esse, *da* serve para preencher a posição do tópico. Sabe-se que, na sentença declarativa alemã, o verbo conjugado deve estar na segunda posição. Quando não há outro elemento adequado que possa ocupar a primeira, usam-se, para tanto, elementos expletivos como *es* ou *da* (cf. WEINRICH 1993: 60). Nessa função, *da* não contribui para o significado da sentença. O verbo *es gibt* [tem] sozinho – sem *da* – teria exatamente o mesmo sentido. Isso comprova que *da* é um mero preenchedor da posição do tópico.

6.1.2 Gêneros textuais no *corpus*

Como já foi mencionado no capítulo 3, o *corpus* não é homogêneo em relação aos tipos de texto. O levantamento de dados foi efetuado conforme o programa didático estabelecido pelas escolas, o qual prevê a produção de textos narrativos, descritivos e argumentativos. No item 4.2 acima, foi mostrado que textos narrativos aproximam-se daquilo que BIBER (1986) denomina conteúdo situado, enquanto textos argumentativos correspondem a um conteúdo abstrato. Textos descritivos parecem ocupar uma posição intermediária nessa escala. A seguir, ofereço um panorama quantitativo da distribuição desses gêneros no *corpus*:

SÉRIE	8F	9F	10F	11F	8M	9M	10M	11M	8B	9B	10B	11B	con- têido abs- trato
GÊNERO													
argumentativo (dissertação e interpretação)		***	*****			***	***	*****		*****	**	*****	
descritivo (objeto estático e objeto dinâmico)		*	*	*****			*	**			**	*	
narrativo (com discurso direto e sem discurso direto)	*****	**	*****	*****	*****	*****	*****		**		***		

Distribuição quantitativa de textos argumentativos, descritivos e narrativos nos grupos de redações do *corpus*

Nesse quadro, que resume as informações contidas no quadro do item 9.7 adiante, percebemos que nas três populações há uma evolução de uma preponderância de textos narrativos na 8ª série para uma dominância de textos argumentativos nas séries mais elevadas.

Na população F (alemão como língua estrangeira), a 8ª série contribui, exclusivamente, com narrativas. Já na 9ª e 10ª séries, a proporção de textos argumentativos aumenta. Na 11ª série, provavelmente em função de uma idiossincrasia de algum professor ou de outro fator casual, não há textos argumentativos no *corpus*, o que constitui, a princípio, um desvio do programa didático da escola. Em geral, a produção da população F caracteriza-se, em comparação às outras populações, por uma leve preponderância de textos narrativos.

Na população B, há preponderância geral de textos argumentativos. Nessa população, a 8ª série está fortemente subrepresentada devido às condições técnicas do levantamento. Mesmo assim, percebe-se a evolução de uma dominância de textos narrativos para a de textos argumentativos.

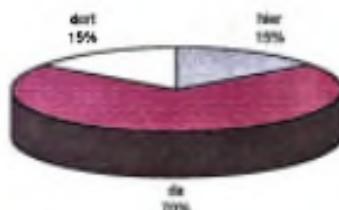
As contribuições da população M mostram a mesma evolução, havendo, porém, um maior equilíbrio geral entre textos narrativos e argumentativos.

Nas análises a serem efetuadas nos itens a seguir, será importante sempre verificar em que medida o comportamento dos advérbios *hier*, *da* e *dort* e a ocorrência dos diversos *modi* dèiticos são influenciados pelos gêneros textuais.

6.2 Comportamento global de *hier*, *da* e *dort*

Em primeiro lugar, identificarei a relação de uso de *hier*, *da* e *dort* no *corpus* todo, em cada série e nas três populações. Dentre 146.440 palavras-texto, encontram-se 1.140 ocorrências de *hier*, *da* e *dort*. Isso corresponde a uma parcela de 0,78%.

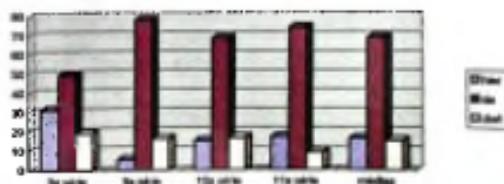
A proporção quantitativa entre *hier*, *da* e *dort* no *corpus* todo é:



O diagrama mostra que o advérbio *da* tem uma freqüência quase cinco vezes maior que a de *hier* e *dort*. Essa distribuição corrobora seu caráter de arquidèitico.

O seguinte gráfico especifica essa proporção para cada uma das quatro séries pesquisadas:

Relação série/advérbio



Em todas as séries, o uso de *da* é maior que o de *hier* e *dort*. Na 8ª série, essa predominância é menos acentuada que nas demais. Na 9ª série, chama a atenção a frequência extremamente baixa de *hier*. Na 10ª e 11ª séries, as relações estão próximas à média geral. Por enquanto, não é possível observar uma evolução nítida da 8ª à 11ª série. O comportamento de *hier*, *da* e *dort* nas populações F, M e B será discutido em mais detalhes no item 6.10 adiante.

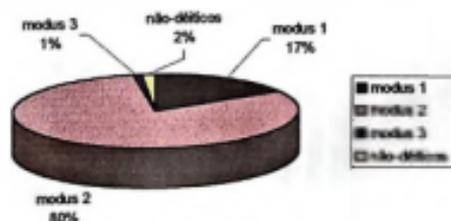
No item 6.1.1 acima, já foi mencionado que *da* frequentemente forma compostos com preposições. No gráfico abaixo, verificam-se as parcelas totais de *hier*, *da* e *dort* e dos seus compostos em relação às palavras-texto, nas quatro séries:

Relação advérbios/série

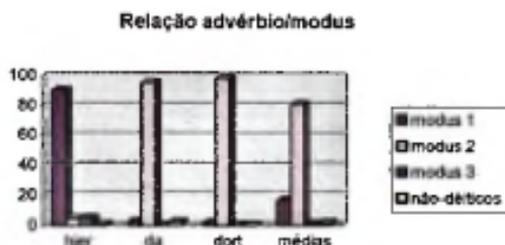


As colunas escuras representam os totais de *hier*, *da* e *dort*, incluídos os compostos, nas quatro séries. A quinta coluna mostra que, em média, quase um quarto de todas as ocorrências são advérbios compostos. Na 8ª e 9ª séries, essa relação é mais baixa, enquanto, na 11ª, os compostos constituem quase a metade do total de ocorrências. Em relação aos totais de *hier*, *da* e *dort*, observamos uma queda da 8ª à 10ª série e um crescimento da 10ª à 11ª. Na 9ª e 11ª séries, a porcentagem está próxima à média total. Na 8ª série, ela é mais alta e, na 10ª, mais baixa.

A seguir, verifica-se a distribuição de *hier*, *da* e *dort* no corpus pelos três modi dêiticos (*modus 1*: dêixis real; *modus 2*: endófora; *modus 3*: dêixis textual):

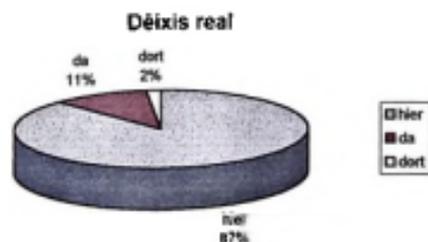


O *modus* endofórico representa quatro quintos do total de ocorrências. A relevância dessa relação torna-se mais clara, ao considerarmos a relação entre *modi* e advérbios:

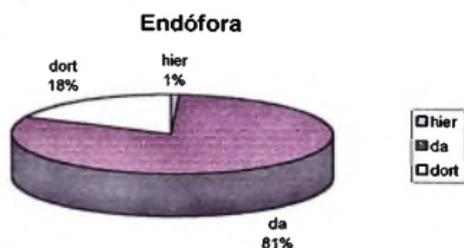


Percebemos que 90% das ocorrências de *hier* pertencem ao *modus* da dêixis real, enquanto *da* e *dort* são quase exclusivamente utilizados no *modus* da endófora. A dêixis textual é quantitativamente insignificante no *corpus*. Suas poucas ocorrências limitam-se ao advérbio *hier*. As ocorrências de não-dêiticos também não apresentam significância quantitativa.

Analisando de uma perspectiva inversa, verificamos como se realizam os *modi* pelos advérbios:



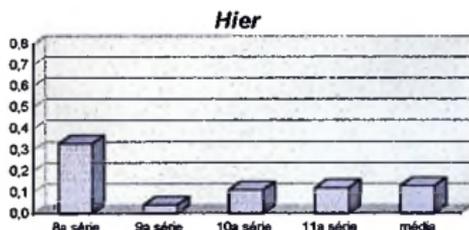
Os gráficos mostram que 87% das ocorrências da dêixis real recaem em *hier*. Por outro lado, a parcela de *dort* nesse *modus* é muito pequena. Na endófora, 81% são ocorrências de *da*, enquanto a parcela de *hier* constitui somente 1%.



Nos itens a seguir, os adérbios *hier*, *da* e *dort*, as ocorrências de compostos e os três *modi* déiticos serão pesquisados em maiores detalhes.

6.3 Comportamento de *hier* da 8ª à 11ª série

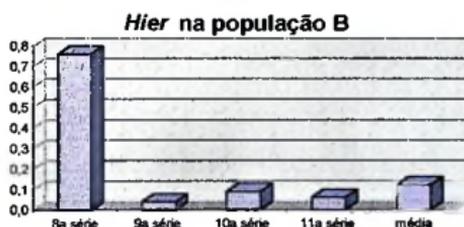
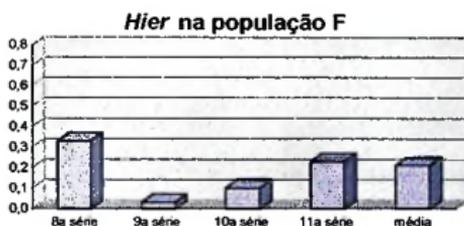
Primeiramente, estudaremos as ocorrências de *hier* em relação ao total de palavras no *corpus* inteiro:



Esse gráfico assemelha-se ao segundo do item anterior, que especifica as parcelas relativas de *hier*, *da* e *dort* em relação ao total das ocorrências desses adérbios. Percebe-se que o uso de *hier* na 8ª série é quase três vezes maior que a média. As frequências nas 10ª e 11ª séries correspondem à média, ao passo que na 9ª série, a frequência é quase três vezes menor.

A seguir, apresentarei a frequência de *hier* nas populações F, B e M. Verificamos que as frequências na população dos falantes não-nativos se assemelham à distribuição de *hier* no *corpus* inteiro. Na 8ª série, a frequência é bastante alta, na 9ª, é muito baixa e na 10ª, intermediária. Somente na 11ª série, os falantes não-nativos apresentam um emprego de *hier* nitidamente acima da

média geral. Esse fato poderia estar ligado aos tipos de texto produzidos nessa série, pois, como foi observado no item 6.1.2 acima, sua contribuição para o *corpus* é composta exclusivamente de textos narrativos e descritivos. O conteúdo mais situado desses tipos de texto pode ter levado a um maior uso do advérbio *hier*. Retornarei a essa observação no item 6.7, quando analisarei o comportamento da *dêixis* real.



Na população dos falantes nativos de alemão (B), a média é igual à média geral. Na 8ª série, no entanto, a frequência de *hier* é o dobro da média do *corpus*, enquanto, da 9ª à 11ª, as frequências são um pouco mais baixas. A anomalia

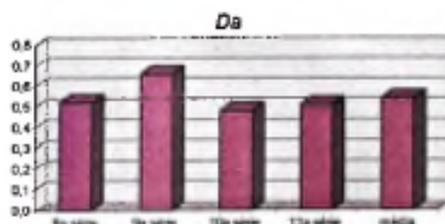
identificada na 8ª série talvez se explique por motivos estatísticos, já que essa série está subrepresentada no *corpus*.

Na população M, as ocorrências de *hier* são mais equilibradas. A média corresponde à média geral. Apenas na 8ª série, observa-se um desvio, pois a frequência de *hier* não se destaca das outras séries.

Em geral, verifica-se que, com exceção da 8ª série, os falantes não-nativos fazem um uso um pouco mais frequente de *hier* que os falantes nativos.

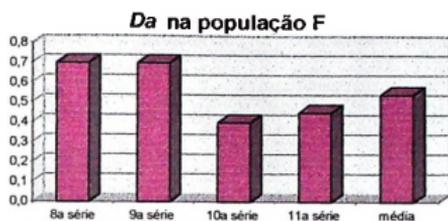
6.4 Comportamento de *da* da 8ª à 11ª série

A frequência de *da* é, em geral, quatro a cinco vezes maior que a frequência de *hier*. O diagrama abaixo ilustra sua porcentagem em relação ao total de palavras-texto no *corpus*, da 8ª à 11ª série:



Verificamos que os valores da 8ª e da 11ª séries correspondem aproximadamente à média, enquanto o valor da 10ª série está mais baixo e o da 9ª, mais alto.

Os gráficos a seguir especificam as ocorrências de *da* nas populações F, B e M. Como se percebe, os informantes da população F fizeram maior uso de *da* nas 8ª e 9ª séries e menor uso nas 10ª e 11ª. Já os falantes nativos (população B) têm a menor porcentagem de *da* na 8ª série e porcentagens mais altas da 9ª à 11ª. Na média, porém, os falantes nativos apresentam maior emprego de *da* que os falantes não-nativos. Na 8ª série, é necessário levar em consideração o fator estatístico (subrepresentação no *corpus*).

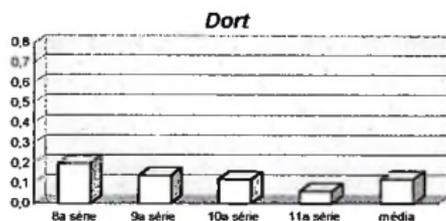


A população mista (M) apresenta um emprego de *da* igual às duas outras somente na 9ª série. Nas demais séries, a frequência de *da* é menor. Na 8ª, assemelha-se ao valor da 8ª série de falantes nativos, enquanto na 10ª e 11ª, aos valores de falantes não-nativos.

Nas 9ªs séries das três populações, observam-se uma frequência elevada de *da* e uma frequência reduzida de *hier*, em comparação às outras séries. Esse fato parece não ter explicação em virtude dos tipos de texto. Talvez trate-se de uma coincidência no *corpus*, em função dos temas tratados nas redações.

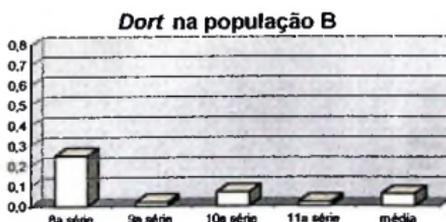
6.5 Comportamento de *dort* da 8ª à 11ª série

O diagrama a seguir mostra a frequência de *dort* nas quatro séries:



Nota-se que as porcentagens diminuem constantemente da 8ª à 11ª série. Esse fato talvez esteja ligado aos tipos de texto contidos no *corpus*. Na 8ª série, predominam textos de conteúdo situado, enquanto, nas séries mais avançadas, os textos com conteúdo abstrato ganham maior peso. Retornarei a esse aspecto no item 6.7, em que discutirei o comportamento da dêixis real.

Nos próximos gráficos, verifica-se a distribuição de *dort* nas três populações:

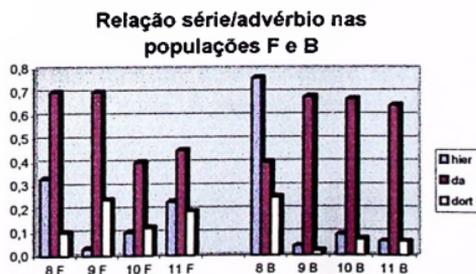




A população M apresenta um emprego de *dort* semelhante ao *corpus* como um todo. Na 8ª série, o valor é 50% maior e na 11ª, 50% menor. Na 9ª e 10ª séries, as porcentagens são aproximadamente iguais. A tendência geral é decrescente.

Na produção dos falantes não-nativos do alemão (população F), a frequência de *dort* é um pouco maior que na média geral. Isso se observa com nitidez nas 9ª e 11ª séries, enquanto na 8ª a frequência de *dort* corresponde apenas à metade da sua frequência nessa série no *corpus* inteiro. No todo, a frequência de *dort* na população F parece crescer da 8ª à 11ª série, sendo que a 9ª série apresenta novamente um desvio.

Na população dos falantes nativos (B), observa-se uma evolução decrescente, mais forte que no *corpus* em geral. Mais uma vez, a 9ª série afasta-se da tendência geral, apresentando um valor porcentual muito baixo. Dessa forma, a anomalia da 9ª série em relação às outras aparece com os três advérbios. Mas, enquanto *da* apresenta uma frequência mais elevada e *hier*, uma frequência mais baixa nas três populações, *dort* é mais freqüente na produção dos falantes não-nativos e menos freqüente na população dos falantes nativos. Para poder esclarecer essas anomalias, seriam necessárias investigações mais profundas, que não poderão ser realizadas neste trabalho. O gráfico a seguir sintetiza os anteriores, destacando o comportamento peculiar da 8ª série da população e da 9ª série das populações F e B:



6.6 Comportamento dos compostos de *hier*, *da* e *dort*

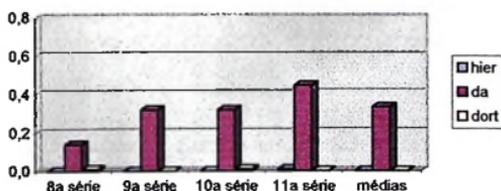
No item 6.2 acima, já vimos que cerca de 25% de todas as ocorrências de *hier*, *da* e *dort* no *corpus* são constituídos de advérbios compostos:

Relação advérbios/série



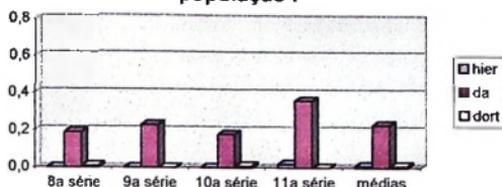
A seguir, analisarei essa parcela em relação aos três advérbios e às populações F, B e M. Em relação aos advérbios, observa-se que a quase totalidade dos compostos no *corpus* é formada por *da*, mesmo que a composição com *hier* também seja possível (cf. DUDEN 1995: 365). A composição de *dort* com preposições não é normalmente prevista, porém existem as composições *dorthin* e *dorther*, com os advérbios *hin* e *her*, que ocorrem algumas vezes no *corpus*:

Relação advérbios compostos/série

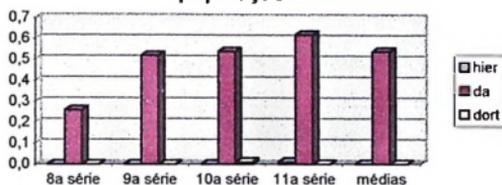


Verificamos nesse gráfico, que quantifica as ocorrências de advérbios compostos em relação ao total de palavras-texto, um crescimento constante desses elementos da 8ª à 11ª série. A seguir, investigo as mesmas relações em cada população:

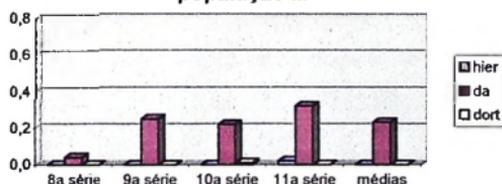
Relação advérbios compostos/série na população F



Relação advérbios compostos/série na população B



Relação advérbios compostos/série na população M



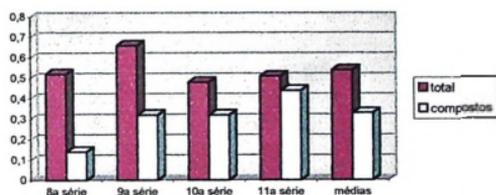
Comparando os três gráficos, nota-se que os informantes da população B usaram os advérbios compostos com uma frequência mais de duas vezes maior que os falantes não-nativos. Em todas as três populações, há a tendência de um crescimento do uso dos compostos. Observa-se, porém, uma evolução pouco clara da 9ª à 10ª série, onde há uma leve diminuição nas populações F e M e um crescimento não-significativo na população B. Essa tendência pode estar ligada a pelo menos três fatores.

Em primeiro lugar, podemos pensar no *input* em sala de aula. Apesar de aparecerem nos livros didáticos a partir da 3ª, os advérbios compostos com *hier*, *da* e *dort* são treinados sistematicamente apenas a partir da 8ª série. Isso explica particularmente o crescimento da sua frequência da 8ª à 9ª série. Nota-se, porém,

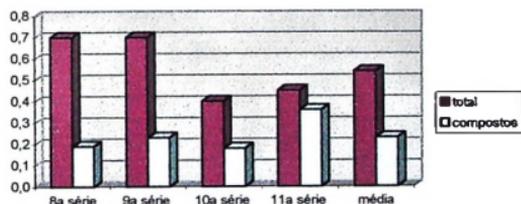
que esse crescimento é maior justamente na população dos falantes nativos, que não deveriam depender de exercícios especiais sobre advérbios compostos em sala de aula. Por isso, podemos supor que um segundo fator importante, responsável pelo crescimento do uso de advérbios compostos, seja o amadurecimento cognitivo, que concerne tanto aos falantes nativos quanto aos não-nativos. Um terceiro fator é, provavelmente, o tipo de texto predominante em cada série. Conforme textos de conteúdo abstrato ganham importância, a frequência dos compostos tende a crescer.

Nesse contexto, é ainda interessante verificar a parcela de advérbios compostos com *da* em relação ao total das ocorrências desse advérbio nas quatro séries e nas três populações:

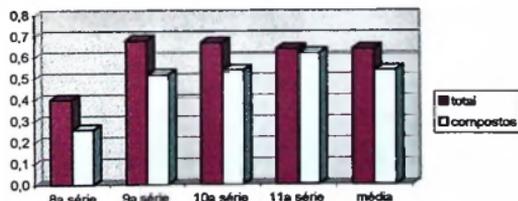
Relação *da*/compostos



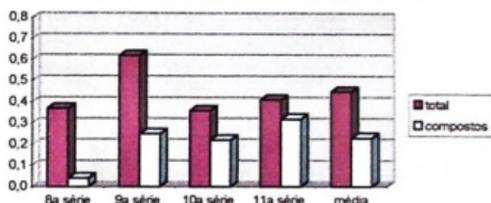
Relação *da*/compostos na população F



Relação *da*/compostos na população B



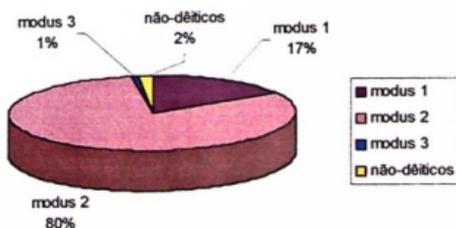
Relação *da*/compostos na população M



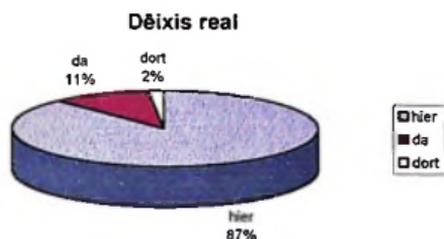
Em todos esses gráficos, percebe-se que a parcela de advérbios compostos, dentre as ocorrências de *da*, cresce constantemente da 8ª à 11ª série. Na população F, ela constitui aproximadamente um quarto na 8ª série, cerca de um terço na 9ª, quase a metade na 10ª e cerca de 80% na 11ª. Na população M, as relações são semelhantes. Na população B, a parcela de compostos dentre as ocorrências de *da* já começa com dois terços na 8ª série e evolui para quase 100% na 11ª. No item 6.8, quando tratarei da endófora, voltarei a esse assunto.

6.7 Comportamento da dêixis real

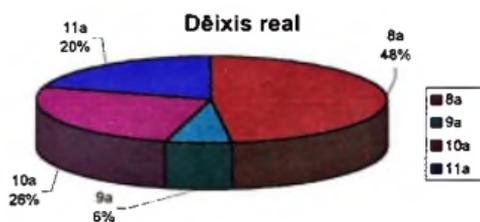
No item 6.2 acima, verificamos que o *modus* da dêixis real corresponde a 17% do total de ocorrências de *hier*, *da* e *dort* no *corpus*:



Também já observamos a predominância de *hier* nesse modus:



A seguir, analisarei a distribuição da dêixis real nas quatro séries:



Verifica-se uma predominância significativa desse *modus* na 8ª série, que pode ser explicada pelos tipos de texto presentes no corpus, considerando-se que textos mais situados devem exigir maior frequência da dêixis real.

A comparação das frequências da dêixis real e do advérbio *hier* nas quatro séries mostra grandes semelhanças:

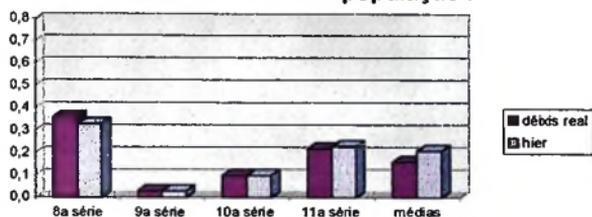


Na 8ª e na 10ª séries, o valor percentual da dêixis real em relação ao total de palavras-texto é mais alto que o valor de *hier*, o que significa que há algumas ocorrências de *da* e/ou *dort* nesse *modus*. Na 11ª série, a porcentagem da dêixis

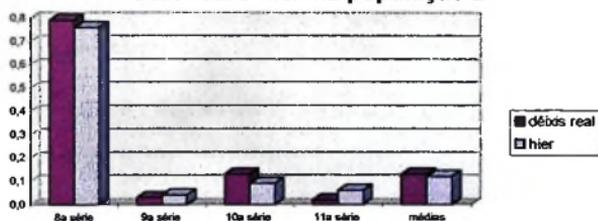
real é mais baixa que a de *hier*. Isso indica que há alguns usos de *hier* em outros *modi* dêiticos.

Vejamos, a seguir, como a dêixis real se distribui nas três populações, sempre em comparação à ocorrências totais de *hier* em cada população:

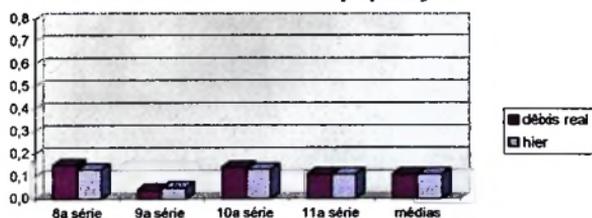
Dêixis real e *hier* na população F



Dêixis real e *hier* na população B



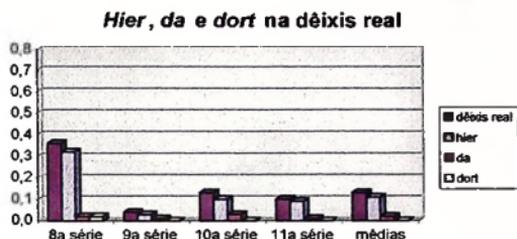
Dêixis real e *hier* na população M



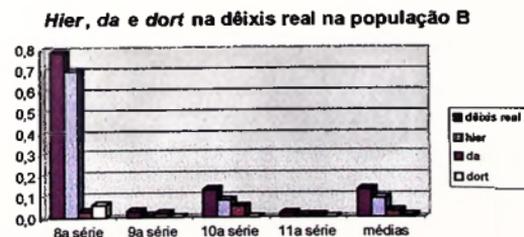
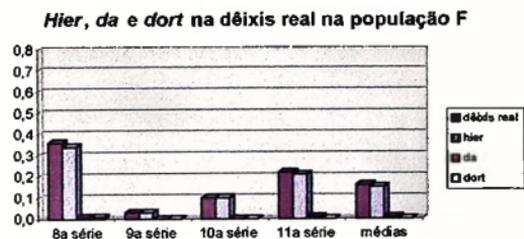
Na população F, observa-se, além do valor elevado da dêixis real na 8ª série, também um valor acima da média na 11ª. Na 11ª série, a alta porcentagem pode ser explicada pelos tipos de texto contidos no *corpus* (exclusivamente textos narrativos e descritivos nessa série). Na população B, o valor da dêixis real na 8ª série é muito elevado, o que, provavelmente, se explica pela subrepresentação quantitativa desse grupo no *corpus* (anomalia estatística). No todo, o emprego

da dêixis real pelos falantes não-nativos é um pouco maior que o dos falantes nativos, mas a diferença é menor que no emprego do advérbio *hier*.

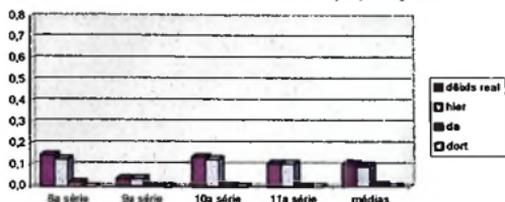
Vejamos, agora, como *hier*, *da* e *dort* se distribuem na dêixis real:



O gráfico mostra que, em todas as séries, 80% ou mais das ocorrências da dêixis real são realizadas através do advérbio *hier*. Especificando essa proporção para as três populações, veremos, porém, diferenças nítidas:



Hier, da e dort na dêixis real na população M

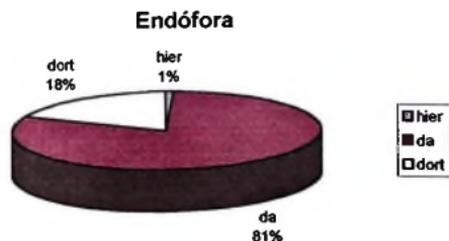


Enquanto nas populações de falantes não-nativos (F e M) 90 a 100% das ocorrências da dêixis real são realizadas por *hier*, os falantes nativos (população B) apresentam uma maior flexibilidade. Na 8ª série, quase 90% das ocorrências recaem em *hier*; já, na 9ª, a parcela de *hier* equivale só a um terço; na 10ª, a cerca de 60%; na 11ª, à metade, sendo que, na média, a realização da dêixis real por *hier* corresponde apenas a 70%. Com uma única exceção, todas as ocorrências de *dort* na dêixis real concentram-se na série 8B, enquanto *da* tem ocorrências na dêixis real em várias séries.

Em suma, pode-se observar que o emprego da dêixis real é um pouco maior na população dos falantes não-nativos que na dos falantes nativos, mas nota-se que os falantes nativos fazem um uso mais flexível desse tipo de dêixis. Nas três populações, a ocorrência da dêixis real é maior na 8ª série e diminui nas séries subsequentes.

6.8 Comportamento do uso fórico

O diagrama, a seguir, ilustra a distribuição de *hier*, *da* e *dort* no *modus* endofórico.



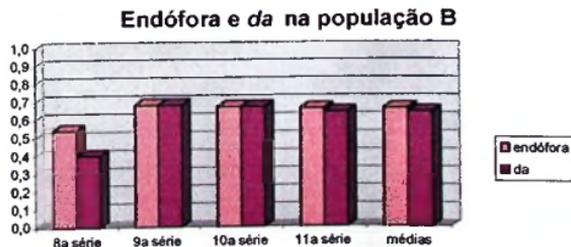
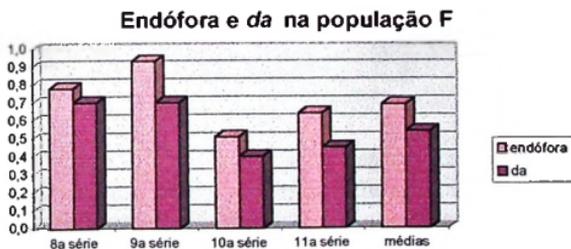
Como já foi dito no item 6.2, quatro quintos das ocorrências endofóricas são realizados através de *da*, quase um quinto, por *dort* e um 1% apenas, por *hier*.

Analisemos, em seguida, a distribuição da endófora, em relação às palavras-texto, nas quatro séries escolares, tomando como parâmetro de comparação as frequências de *da*:

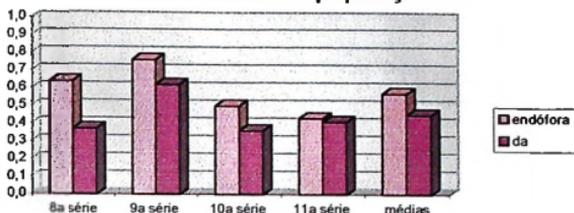


O gráfico mostra que as distribuições do *modus* endofórico e de *da* pelas quatro séries, em relação ao total de palavras-texto, são semelhantes entre si. Em todas as séries, porém, há mais ocorrências da endófora que de *da*, o que comprova que algumas ocorrências de *hier* e *dort* também se integram nesse *modus*. A diferença entre as porcentagens de utilização da endófora e de *da* diminui da 8ª à 11ª série. Isso sugere uma concentração crescente da endófora no advérbio *da*.

Vejamos como a endófora e *da* se distribuem nas três populações, sempre em relação ao total de palavras-texto:



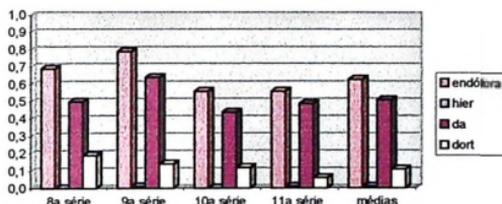
Endófora e da na população M



Observa-se que, na população dos falantes nativos (B), as freqüências da endófora e de *da* são quase idênticas em todas as séries, exceto na 8ª, na qual a diferença pode ser causada pela subrepresentação dessa série no *corpus*. Os informantes das populações F e M, ao contrário, fizeram maior uso de outros advérbios na endófora. Isso se torna mais claro nos gráficos que seguem, que especificam a distribuição de *hier*, *da* e *dort* no *modus* endofórico.

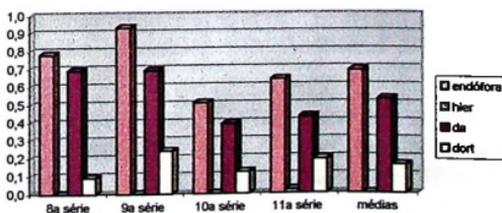
Vejamos, primeiramente, essa relação no *corpus* como um todo:

Hier, da e dort na endófora

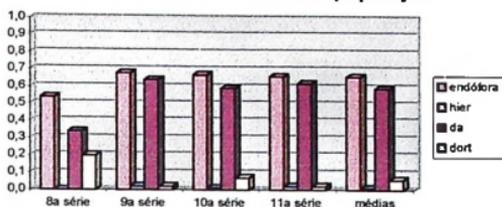


Além de *da*, o advérbio *dort* tem uma freqüência considerável como elemento fórico. Observamos, porém, que essa freqüência diminui da 8ª à 11ª série. Distinguindo entre as populações, veremos que a diminuição se concentra em B e M, mas não se mostra na população F:

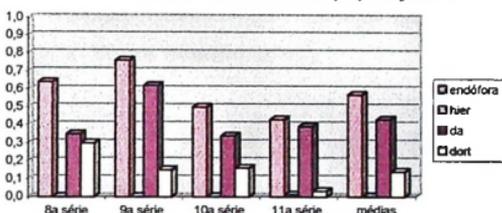
Hier, da e dort na endófora na população F



Hier, da e dort na endófora na população B



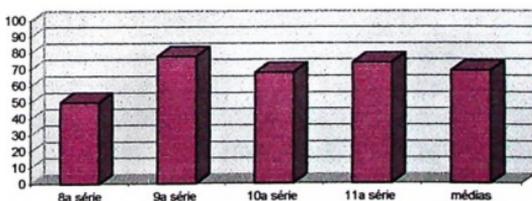
Hier, da e dort na endófora na população M



Em todas as séries, os informantes da população F fazem maior uso de *dort* como meio fórico que os das outras populações. *Dort* não apresenta uma tendência decrescente nessa população.

Nos gráficos acima, as frequências do *modus* endofórico e do advérbio *da* foram analisadas em relação ao total de palavras-texto no *corpus* e nos dados das três populações respectivamente. A evolução de ambas as frequências deve se tornar mais clara, se a relacionarmos ao total de ocorrências dos advérbios *hier*, *da* e *dort*. Iniciemos pelo advérbio *da*:

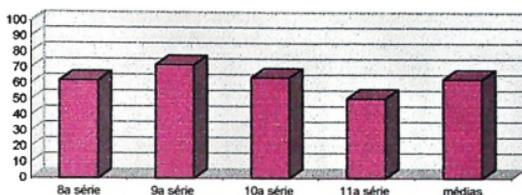
Da



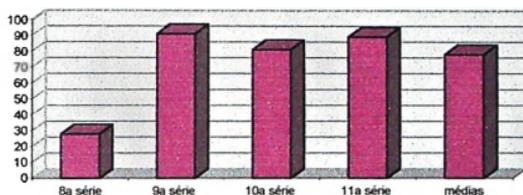
O gráfico mostra as parcelas de *da* em relação a todas as ocorrências de *hier*, *da* e *dort*, nas quatro séries. Desconsiderando a 9ª série, que já se mostrou anômala anteriormente, percebe-se um crescimento constante, de 50% na 8ª até quase 75% na 11ª série.

Nas três populações, no entanto, a evolução é bastante variada:

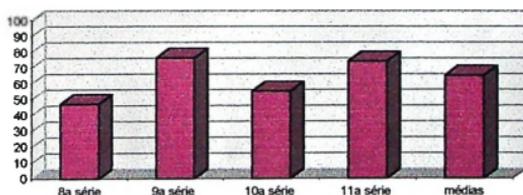
Da na população F



Da na população B



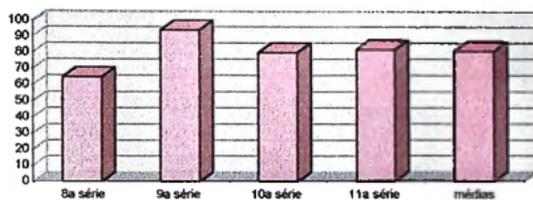
Da na população M



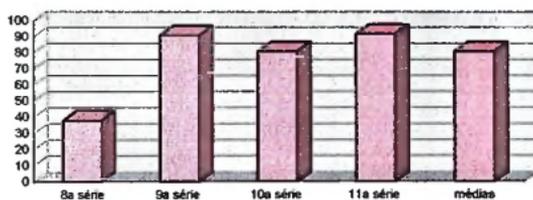
Nas populações B e M, observa-se um aumento da 8^a à 11^a série, sendo que a 9^a apresenta um comportamento particular. Nos dados da população F, no entanto, existe uma diminuição da 10^a à 11^a série. Essa talvez possa ser atribuída aos tipos de texto, uma vez que o *corpus* não contém textos argumentativos produzidos pela 11^a série da população F. Em geral, os falantes nativos empregam *da* muito mais frequentemente que os falantes não-nativos, com exceção da 8^a série.

Ao analisarmos a endófora de maneira análoga, encontramos uma situação semelhante:

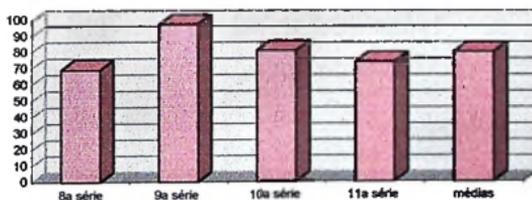
Endófora



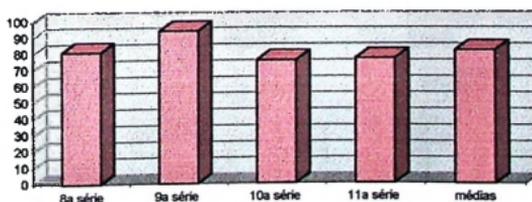
Endófora na população B



Endófora na população F



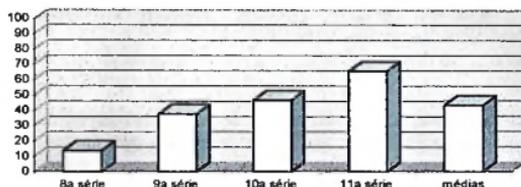
Endófora na população M



Na população B e no *corpus* como um todo, há um crescimento da 8ª à 11ª série, do qual destoa somente a 9ª série. Na população F, percebe-se novamente uma diminuição da 10ª à 11ª série. Na população M, a tendência é pouco clara, sendo os valores da 8ª, 10ª e 11ª séries semelhantes entre si. A frequência média da endófora é quase idêntica nas três populações.

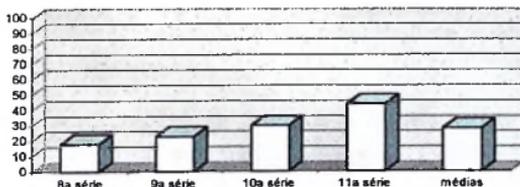
É interessante confrontar a evolução da endófora e do emprego do advérbio *da* à frequência do uso de advérbios compostos:

Advérbios compostos

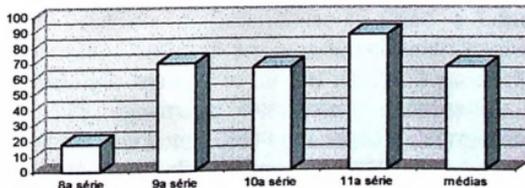


No *corpus*, em geral, há um crescimento constante do uso de advérbios compostos, em relação ao total de ocorrências de *hier*, *da* e *dort*, de cerca de 15% na 8ª até 65% na 11ª série. Nas três populações, a tendência geral é semelhante:

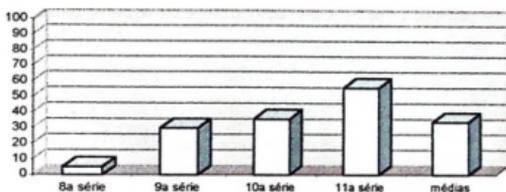
Advérbios compostos na população F



Advérbios compostos na população B



Advérbios compostos na população M



Verificamos que os valores da população F são, em geral, um pouco mais baixos que os do *corpus* como um todo, enquanto os da população B são um pouco mais altos. A 9ª série da população B mostra novamente um valor mais elevado.

Em suma, podemos constatar que o emprego da endófora, o uso de *da* e a utilização de advérbios compostos crescem paralelamente no *corpus* como um todo e em cada uma das três populações. O nível quantitativo geral é mais alto na população dos falantes nativos que nas duas outras populações. Essa observação paraleliza-se à tendência decrescente do emprego da dêixis real e do advérbio *hier*, observada no item 6.7.

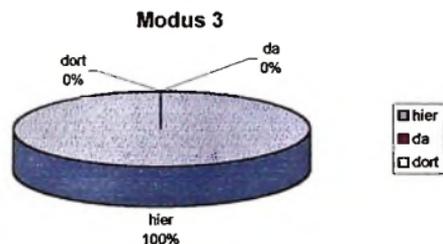
A interligação sistemática entre a endófora, o advérbio *da* e o uso de compostos, bem como entre a dêixis real e o advérbio *hier*, já foi comprovada anteriormente. O crescimento constante dos primeiros três parâmetros e o decréscimo dos dois últimos podem ser explicados, em parte, pelos tipos de texto presentes no *corpus*, supondo que endófora, *da* e advérbios compostos sejam característicos de textos de conteúdo mais abstrato, e dêixis real e *hier*, de textos de conteúdo mais situado.

Nos itens 4.2 e 6.1.2 acima, já foi mostrado que existe no *corpus* uma preponderância de textos narrativos na 8ª série e um peso quantitativo crescente de textos argumentativos nas séries mais elevadas. Esse fato, que ocorre igualmente nas três populações, se fundamenta em um raciocínio didático, que, por sua vez, é baseado no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Os textos de conteúdo mais situado são, geralmente, mais fáceis de produzir e compreender. Por isso, são treinados nas séries mais baixas. Uma das principais funções culturais da escola consiste em acostumar o aluno a lidar com textos de conteúdo mais abstrato. Conforme seu amadurecimento cognitivo, o aluno vai ser confrontado, cada vez mais, com tarefas ligadas à produção e compreensão de tais textos. Dessa maneira, o crescimento quantitativo da endófora, do advérbio *da* e de advérbios compostos bem como o decréscimo da dêixis real e de *hier* apresentam-se como efeitos dos fatores do *input* em sala de aula e do

amadurecimento cognitivo dos informantes. Na medida em que os falantes nativos de alemão usaram sua língua materna e os falantes não-nativos, uma língua estrangeira, ao produzirem os dados do *corpus*, parece natural que o crescimento dos três parâmetros seja mais perceptível na população B que na população F. Os dados da população M são, em geral, pouco conclusivos, assemelhando-se, às vezes, mais aos dados da população F e, às vezes, mais àqueles da população B.

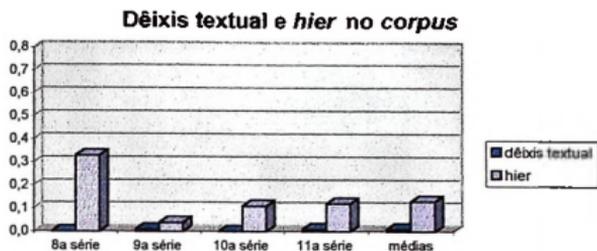
6.9 Comportamento da dêixis textual

Na dêixis textual (*modus 3*) ocorre a referência ao texto, no próprio texto. Como já foi visto no item 6.2 acima, esse *modus* constitui menos de 1% do total das ocorrências de *hier*, *da* e *dort* no *corpus*. Todas essas ocorrências são realizadas através de *hier*:

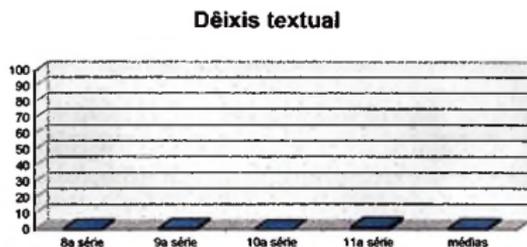


A limitação da dêixis textual ao advérbio *hier* pode ser explicada pelo tamanho das redações que constituem o *corpus*. *Hier* indica proximidade e pode, portanto, ser utilizado para apontar dentro de textos curtos. *Dort*, como dêitico que indica afastamento, exigiria um texto mais longo, para poder ser utilizado no *modus 3*. A ausência de *da* talvez possa ser explicada por algum fator semelhante.

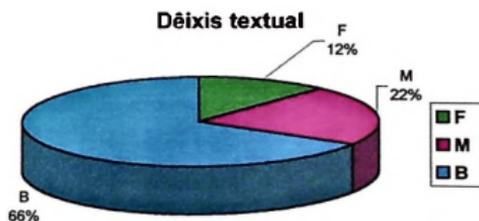
A comparação entre as frequências do advérbio *hier* e da dêixis textual em relação ao total de palavras-texto comprova a insignificância desse *modus* no *corpus*:



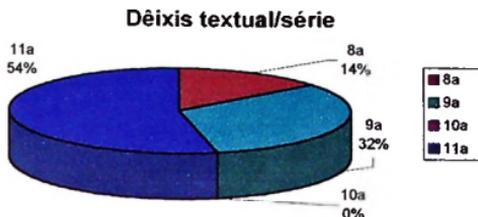
A relação das ocorrências do *modus* 3 em relação ao total de *hier*, *da* e *dort* leva ao mesmo resultado:



Comparando as três populações, percebemos que dois terços das ocorrências de dêixis textual se concentram na população dos falantes nativos de alemão, enquanto os informantes da população F só contribuíram com 12% do total dessas ocorrências:



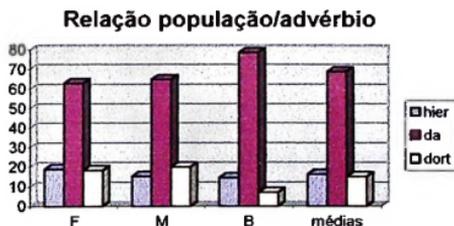
Essa distribuição explica-se certamente pela complexidade da dêixis textual como *modus* dêítico, que os informantes da população B dominam melhor por utilizarem sua língua materna. A comparação entre as quatro séries leva a conclusões análogas:



Mais da metade das ocorrências concentram-se na 11ª série, com parcelas menores nas séries mais baixas. Podemos supor que o tipo de texto também influencia essa distribuição, pois é provável que textos de conteúdo mais abstrato ofereçam mais oportunidades de emprego da dêixis textual que textos de conteúdo mais situado.

6.10 Diferenças entre falantes nativos e não-nativos

Como último passo da análise dos dados, comparei a produção das populações de falantes nativos e não-nativos. Observa-se que o uso dos advérbios *hier*, *da* e *dort* apresenta comportamento diferenciado nas três populações:

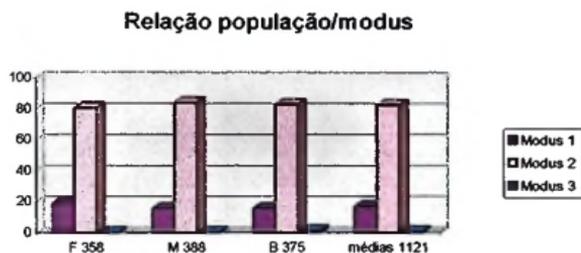


Na população F, a proporção de uso de *hier*, *da* e *dort* é de aproximadamente 20/60/20%, respectivamente. Na população M, a proporção de *hier*, *da* e *dort* é parecida: 15/65/20%. Nota-se que, nessa população, *dort* é mais freqüente que *hier*. Esse fato é surpreendente. Em princípio, o uso de *hier* deveria ser mais freqüente, já que *hier* indica proximidade e *dort*, afastamento. Mais adiante, verificarei a ligação de *dort* ao *modus* da endófora, que fornece uma explicação para seu maior peso quantitativo na produção da população M.

Os informantes da população B apresentam a mesma freqüência de uso de *hier*, mas uma freqüência muito mais baixa de *dort*. A proporção de *hier*, *da*, e *dort*

equivale a 15/80/5%. *Da*, como arquidêitico e elemento não-marcado, é, de longe, o mais freqüente. *Hier*, como elemento levemente marcado (indicador de proximidade), tem freqüência reduzida, e *dort*, como elemento fortemente marcado (indicador de afastamento), tem a menor freqüência.

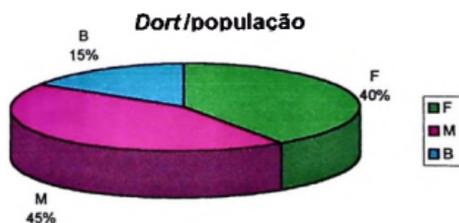
A seguir, estudarei o peso relativo dos *modi* dêiticos nas três populações:



Enquanto a população F apresenta uma freqüência um pouco maior da dêixis real, os informantes das populações M e B utilizaram um pouco mais a endófora.

No item 6.7 acima, foi mostrado que o comportamento de *hier* é paralelo ao da dêixis real. Ambos são um pouco mais freqüentes na população F. Da mesma forma, vimos, no item 6.8, que as freqüências de *da* e da endófora apresentam um paralelismo geral. Ambos têm uma freqüência um pouco elevada na população B.

Em relação a *dort*, observa-se que sua freqüência na população B é muito mais baixa que nas duas outras populações:



No item 6.2, verificamos que *dort* representa 15% de todas as ocorrências de *hier*, *da* e *dort* no *corpus*. Dessa parcela, no entanto, apenas um sexto foi

produzido por falantes nativos e 85%, por falantes não-nativos. Essa observação é a mais interessante do presente estudo, em termos lingüísticos, por estar diretamente relacionada à diferença entre os sistemas dos advérbios espaciais do alemão e do português brasileiro.

No capítulo 2 acima, esbocei a estrutura semântica do sistema constituído pelos advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá* e *acolá* no português. Apontei as semelhanças entre *aqui* e *cá* e *ali* e *lá*, que levaram a especializações particulares desses elementos: enquanto *aqui* privilegia o uso estático, *cá* tende mais ao emprego dinâmico; enquanto *ali* é preferido na dêixis real, *lá* é o recurso mais freqüente na retomada anafórica.

Afirmei, também, que o sistema triádico do alemão constituído por *hier*, *da* e *dort* difere, em algumas propriedades, do sistema do português. Assim, há uma equivalência entre *dort* e *lá*, como indicadores de afastamento, mas uma não-equivalência entre esses dois advérbios quanto ao uso endofórico. O advérbio mais típico do alemão para retomadas anafóricas é *da* (cf. BLÜHDORN 1999: 179ss.).

Com base nessas observações, pode-se concluir que o maior uso de *dort* pelos falantes não-nativos é fruto de uma interferência do português para o alemão. Nos itens 6.7 e 6.8 acima, foi verificado que a maior parte das ocorrências de *dort* se concentra no *modus* endofórico, enquanto a parcela desse advérbio na dêixis real é pequena. No *modus* endofórico, foi observado que os falantes nativos empregam *dort* principalmente na 8ª série, com tendência decrescente nas séries posteriores. Os falantes não-nativos, por sua vez, empregam *dort* como elemento anafórico com freqüência relativamente alta em todas as séries. Provavelmente, esse emprego pouco típico resulta da tradução do elemento anafórico *lá* do português, estabelecendo-se a equivalência a partir da indicação de afastamento e não da especialização na endófora.

Em relação à população M, verificamos que seu comportamento é novamente uma mistura entre características das populações B e F. Na utilização de *dort* na endófora, a população M apresenta freqüências praticamente idênticas às da população F. No emprego geral da endófora e da dêixis real, por outro lado, sua produção assemelha-se mais àquela da população B.

7. Considerações finais

O objetivo deste estudo consistiu na pesquisa da utilização dos advérbios dêixicos espaciais *hier*, *da* e *dort* em redações em língua alemã, escritas por aprendizes brasileiros de escolas de 1^o e 2^o graus. Foram levantados dados em três colégios alemães da cidade de São Paulo. Os informantes que contribuíram com dados ao *corpus* dividem-se em três populações: falantes nativos e não-nativos do alemão e uma população mista.

Para a análise e interpretação dos dados, utilizei como ferramentas as teorias da dêixis espacial, baseando-me em DIEWALD (1991) e BÜHLER (1934=1982), dos gêneros textuais (WERLICH 1979, BIBER 1986) e de ensino/aquisição de línguas estrangeiras (KRASHEN 1982). Na análise do *corpus*, discuti o comportamento dos advérbios espaciais *hier*, *da* e *dort* e das diferentes funções por eles exercidas, a saber, a dêixis real, a endófora e a dêixis textual. Levaram-se em conta o *input* em sala de aula, o desenvolvimento cognitivo dos aprendizes e a interferência da língua materna (cf. capítulos 4.3 e 5).

Em relação à influência do *input* em sala de aula, destaca-se o papel dos gêneros textuais presentes no *corpus*. Esses seguem um programa curricular, fundamentado em metas didáticas, que desenvolve a competência textual dos alunos, a partir de conteúdos mais situados em direção a conteúdos mais abstratos. No *corpus*, foi observado que as redações das 8^{as} séries são exclusivamente textos narrativos, enquanto nas séries posteriores há uma predominância crescente de textos argumentativos. A maior ocorrência de *hier* e da dêixis real, bem como a menor ocorrência de *da*, da endófora e de advérbios compostos nas 8^{as} séries, explicam-se, entre outros, por essa influência do *input*, que consiste na determinação do gênero textual a ser produzido.

A distribuição dos gêneros textuais pelas quatro séries está diretamente ligada ao desenvolvimento cognitivo dos alunos. Por um lado, o programa curricular da escola já é planejado com vista ao desenvolvimento cognitivo esperado; por outro lado, a produção de cada aluno, a cada momento, reflete seu respectivo estágio de amadurecimento cognitivo e linguístico. Nesse sentido, observamos que o *modus* menos complexo da dêixis real é mais freqüente na 8^a série e na população dos falantes não-nativos e que o *modus* mais complexo da endófora sobressai nas séries superiores e na população dos falantes nativos. O terceiro *modus*, da dêixis textual, ocorre muito raramente no *corpus*, de forma que não se pode tirar conclusões definitivas a seu respeito. Observamos, no entanto, que suas poucas ocorrências se concentram na 11^a série da população dos falantes nativos.

A influência da língua materna foi observada no emprego do advérbio *dort*, como equivalente de *lá* na endófora, o qual é quatro vezes mais freqüente nas populações de falantes não-nativos que na população de falantes nativos. Em geral, o emprego de *dort* na população B diminui paralelamente ao avanço das séries, com a predominância crescente de textos argumentativos. Esse efeito não é observado nas duas outras populações, nas quais o emprego de *dort* permanece estável até a 11ª série.

As principais questões a serem esclarecidas por este trabalho foram formuladas no capítulo 2 da seguinte maneira:

- observar se há uma seqüência de aparecimento dos três advérbios,
- verificar se existe uma ordem de surgimento dos seus diferentes usos,
- analisar sua utilização como meios coesivos na construção do texto escrito.

Em relação ao primeiro item, não foi observada uma seqüência de aparecimento, já que, no momento em que se iniciou o levantamento de dados, os alunos já haviam aprendido os três advérbios. Foi comprovado, a partir dos livros didáticos utilizados nas escolas que participaram da pesquisa, que os três advérbios, inclusive alguns dos seus compostos, já aparecem no *input* nos primeiros quatro anos escolares, i.e., pelo menos quatro anos antes do momento em que os informantes produziram os dados para o *corpus*. Em nenhum livro didático foi encontrado um exercício específico que dissesse respeito ao uso dos advérbios *hier*, *da* e *dort*. Isso nos leva à conclusão de que uma seqüência de aparecimento, se existisse, só poderia ser observada em dados levantados com alunos das séries escolares iniciais, ou até da pré-escola.

Em relação ao segundo item, o *corpus* fornece certas evidências que corroboram a hipótese de que a dêixis real é adquirida e utilizada antes da endófora, não apenas por falantes nativos, mas, também, por aprendizes de uma língua estrangeira. A dêixis textual parece surgir ainda mais tarde, mas já foi dito que os dados do *corpus* não são suficientes para justificar generalizações. Talvez seja preciso levantar dados com aprendizes mais proficientes da língua estrangeira para pesquisar melhor esse *modus* dêitico.

Quanto à terceira questão, interessam principalmente as observações relacionadas à endófora e ao uso dos compostos de *da*. O elemento *da*, na língua alemã, funciona como arquidêitico, que se aplica aos mais diversos domínios semânticos e sempre serve de sinal de identificabilidade/definitude. Portanto, pode ser considerado um recurso essencial da coesão textual. Foi comprovado, na análise dos dados, que existe um crescimento significativo do uso de advérbios compostos da 8ª à 11ª série. Em sua grande maioria, esses advérbios

foram utilizados no *modus* da endófora, i.e., para fins da coesão textual. Isso nos leva à conclusão de que a utilização dos advérbios *hier*, *da* e *dort*, principalmente de *da*, como meios coesivos cresce com o amadurecimento cognitivo e lingüístico dos aprendizes.

No capítulo 4.4, foi referida a visão de CORDER (1974) em relação à metodologia de pesquisas empíricas. Das cinco etapas que ele menciona, consta como última a avaliação final dos resultados, que deve considerar o contexto mais amplo da pesquisa. Uma questão importante para o presente estudo diz respeito à adequação dos dados ao objeto de estudo. Expliquei, no capítulo 3, os detalhes técnicos do levantamento do *corpus*, que foram influenciados pelas condições de trabalho na Área de Alemão da USP e nos três colégios participantes. Por repetidas vezes, observaram-se desequilíbrios no *corpus*, que, em alguns momentos, complicaram a análise. Assim, as três populações representadas no *corpus* não têm peso quantitativo igual e, dentro das populações, há diferenças consideráveis entre as séries. Especialmente a 8ª série está subrepresentada no *corpus*, enquanto a 10ª está superrepresentada.

Para poder alcançar resultados mais confiáveis, seria certamente desejável um *corpus* mais homogêneo. Isso também concerne aos tipos de texto levantados e aos temas tratados no material. No *corpus* deste trabalho, foi observada uma anomalia na 11ª série da população F, que, por motivos desconhecidos, não contribuiu com nenhum texto argumentativo. Como foi observado que os tipos de texto influenciam fortemente o uso de *hier*, *da* e *dort*, essa anomalia trouxe dificuldades para a análise.

Em geral, pode-se tirar, a partir do presente trabalho, a conclusão de que é muito importante planejar minuciosamente o levantamento de dados e controlar melhor a adequação do material para as questões a serem pesquisadas. Para futuras pesquisas empíricas, que possam ser realizadas na Área de Alemão da USP, no âmbito da linha de pesquisa *Ensino/Aprendizagem de Alemão como Língua Estrangeira no Brasil*, será necessário desenvolver uma melhor política de levantamento e gerenciamento de dados, que considere as experiências feitas com o presente estudo.

Na introdução deste trabalho, definiu-se como objetivo último da pesquisa a contribuição para o ensino de alemão como língua estrangeira, nas instituições competentes na cidade de São Paulo. É evidente que um estudo lingüístico de um *corpus* de dados não pode levar a resultados que se apliquem imediatamente em sala de aula. Tal expectativa não corresponderia ao tipo de contribuição que meu trabalho deveria trazer. A função que a pesquisa empírica lingüística pode exercer, em relação à prática escolar, reside na conscientização do professor a

respeito das peculiaridades da produção dos seus alunos e dos vários aspectos que podem intervir nesse processo.

8. Referências bibliográficas

- BARASH, Ronald M. & JAMES, Caradog Vaughan. *Beyond the monitor model. Comments on current theory and practice in second language acquisition*. Boston, Heinle & Heinle Publishers, 1994.
- BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- BECKER, Angelika. *Lokalisierungsausdrücke im Sprachvergleich. Eine lexikalisch-semantiche Analyse von Lokalisierungsausdrücken im Deutschen, Englischen, Französischen und Türkischen*. Tübingen, Niemeyer, 1994.
- BECKER, Angelika & CARROLL, Mary. *The acquisition of spatial relations in a second language*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1997.
- BECKER, Angelika, CARROLL, Mary & KELLY, Ann. *Reference to space (Final report to the European Science Foundation, IV)*. Strasbourg, Heidelberg, 1988.
- BIALYSTOK, Ellen. "Un modelo teórico del aprendizaje de lenguas segundas". In: LICERAS, Juana M. (org.). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madri, Visor, 177-192, 1992.
- BIBER, Douglas. "Spoken and written textual dimensions in English: resolving the contradictory findings". In: *Language*, 62, 384-414, 1986.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Deixis und Deiktika in der deutschen Gegenwartssprache". In: *Deutsche Sprache* 21, 44-62, 1993.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Was ist Deixis?" In: *Linguistische Berichte* 156, 109-142, 1995a.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Déixis, cognição e estrutura textual". In: *Cadernos de letras* 11, Rio de Janeiro (UFRJ), 147-152, 1995b.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Zur Verwendung einiger Transportverben im Brasilianischen und im Deutschen". In: *IRAL* (no prelo), 1995c.
- BLÜHDORN, Hardarik. *A codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil. Adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas*. Tese de Livre docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1999.
- BOHN, Hilário. & VANDRESEN, Paulino (orgs.). *Tópicos de Linguística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Editora da UFSC, 292-313, 1988.
- BRENTANO, Clemens. "Das Märchen vom Schneider Siebentot auf einen Schlag". In: BERTRAM, Mathias. *Klassische Werke der deutschen Literatur. Digitale Schüler-Bibliothek*. Berlin, Directmedia, 1998.
- BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart, Gustav Fischer, 1934=1982.

- CARROLL, Mary & BECKER, Angelika. "Reference to space in learner varieties". In: PERDUE, Clive (ed.). *Adult language acquisition: cross-linguistic perspectives, Vol. II The Results*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- CARROLL, Mary & VON STUTTERHEIM, Christiane. "The representation of spatial configurations in English and German and the grammatical structure of locative and anaphoric expressions". In: *Linguistics* 31/6, 1011-41, 1993.
- CASTILHO DA COSTA, Alessandra & GUEDES EVANGELISTA, Maria Cristina Reckziegel. "A coleta de dados e a pesquisa empírica sobre a aquisição de uma língua estrangeira – uma tarefa impossível?". In: *Anais do V Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, Assis, UNESP, 1998 (no prelo).
- CLARK, Eve V. "Some perceptual factors in the acquisition of locative terms by young children". In: PERANTEAU, P. LEVI, J. & PHARES, G. (eds.). *Papers from the 8th Regional Meeting*, Chicago Linguistic Society, 431-439, 1972.
- CLARK, Eve V. "Non-linguistics strategies and the acquisition of word meanings". In: *Cognition* 2, 161-182, 1973.
- CLARK, Eve V. & GARNICA, O. K. "Is he coming or going? On the acquisition of deictic verbs". In: *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour* 13, 559-572, 1974.
- CLARK, Herbert. "Space, time, semantics, and the child". In: MOORE, Terence (org). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York, Academic Press, 27-63, 1973.
- CORDER, S. Pit. "The Significance of Learner's Errors". In: *International Review of Applied Linguistics in Language Learning* 5, 161-171, 1967.
- CORDER, S. Pit. "Error Analysis". In: ALLEN, J. & CORDER, S. P. (eds.). *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*. Vol. 3. London, Oxford University Press, 1974.
- CORDER, S. Pit. "Error analysis, interlanguage, and second language acquisition". In: *Language Teaching and Linguistics* 14, 201-218, 1975.
- DE BEAUGRANDE, Robert A. & DRESSLER, Wolfgang U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen, Niemeyer, 1981.
- DIEWALD, Gabriele M. *Deixis und Textsorten im Deutschen*. Tübingen, Niemeyer, 1991.
- DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard. "Genres et progression en expression orale et écrite. Eléments de réflexions à propos d'une expérience romande". In: *Enjeux*, 31-49, 1996.
- DUBOIS, Jean & al. *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache* (= DUDEN Band 4). 5^a ed. (org. Günter Drosdowski). Mannheim, Bibliographisches Institut, 1995.

- EHLICH, Konrad. "Anaphora and deixis: Same, similar, or different?". In: JARVELLA, Robert J. & KLEIN, Wolfgang (eds.) *Speech, place and action. Studies in deixis an related topics*. Chichester, New York, Wiley, 315-338, 1982.
- EHRICH, Veronika. "Da and the system of spatial deixis in German". In: WEISSENBORN, Jürgen. & KLEIN, Wolfgang (eds.). *Here and there. Cross-linguistic studies on deixis and demonstration*. Amsterdam, John Benjamins, 43-63, 1982.
- EHRICH, Veronika. "Da im System der lokalen Demonstrativadverbien des Deutschen". In: *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 2, 197-219, 1983.
- EHRICH, Veronika. *Hier und jetzt. Studien zur lokalen und temporalen Deixis im Deutschen*. Tübingen, Niemeyer, 1992.
- ELLIOT, Alison J. *A linguagem da criança* (trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- ELLIS, Rod. *The study of second language acquisition*. Oxford, Oxford University Press, 1994a.
- ELLIS, Rod. "Variability and the natural order hypothesis". In: BARASH, Ronald M. & JAMES, Caradog Vaughan. *Beyond the monitor model*. Boston, Heinle & Heinle, 139-158, 1994b.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática, 1993.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual. Introdução*. São Paulo, Cortez, 1994.
- FILLMORE, Charles J. "Ansätze zu einer Theorie der Deixis" (trad. W. Kürschner). In: KIEFER, Ferenc (ed.). *Semantik und generative Grammatik 1*. Frankfurt/Main, Athenäum, 147-174, 1972.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 1996.
- FUCHS, Anna. "Dimensionen der Deixis im System der deutschen *Tempora*." In: EHRICH, Veronika & VATER, Heinz (eds.). *Temporalsemantik*. Tübingen, Niemeyer, 1-25, 1988.
- FUCHS, Anna. *Remarks on Deixis*. Heidelberg, Julius Groos, 1993.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto* (trad. Jenny Klabin Segall). Instituto Progresso Editorial.
- GREWENDORF, Günther. "Sprechakttheorie". In: ALTHAUS, Hans Peter, HENNE, Helmut & WIEGAND, Herbert Ernst (orgs.). *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. 2^a ed., Tübingen, Niemeyer, 287-293, 1980.
- HALLIDAY, Michael A. K. & HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.

- HEINEMANN, Wolfgang & VIEHWEGER, Dieter. *Textlinguistik. Eine Einführung*. Tübingen, Niemeyer, 1991.
- HELBIG, Gerhard. "Zu Problemen der linguistischen Beschreibung des Dialogs im Deutschen". In: *Deutsch als Fremdsprache* 12, 65-80, 1975.
- JAKOBSON, Roman. "Linguística e poética". In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação* (trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes). 20ª. ed., São Paulo, Cultrix, 118-162, 1995.
- JARVELLA, Robert J. & KLEIN, Wolfgang (eds.). *Speech, place and action. Studies in deixis an related topics*. Chichester, New York, Wiley, 1982.
- JOVANOVIC, Aleksandar. "Por um modelo globalizante do processo de ensino/aprendizagem de L2". Material desenvolvido para a disciplina *Prática de Ensino de Língua Alemã*, oferecida pela Faculdade de Educação da USP, 1997.
- KARMILOFF-SMITH, Annette. *A functional approach to child language: a study of determiners and reference*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- KERSCH, Dorotea Frank. *A palavra onde no português do Brasil*. Porto Alegre, UFRS (dissertação de mestrado), 1996.
- KLEIN, Wolfgang. "Wo ist hier? Präliminarien zu einer Untersuchung der lokalen Deixis". In: *Linguistische Berichte* 58, 18-40, 1978.
- KLEIN, Wolfgang. *Local deixis in route directions*. 12ª ed., Trier, L.A.U.T., 1979.
- KLEIN, Wolfgang. "Der Ausdruck der Temporalität im ungesteuerten Spracherwerb". In: RAUH, Gisa (ed.). *Essays on Deixis*. Tübingen, Narr, 149-168, 1983.
- KLEIN, Wolfgang. *Zweitspracherwerb. Eine Einführung*. Frankfurt, Hain, 1992.
- KLEIN, Wolfgang & VON STUTTERHEIM, Christiane. "Quaestio und referentielle Bewegung in Erzählungen". In: *Linguistische Berichte* 109, 163-183, 1987.
- KLEIN, Wolfgang & VON STUTTERHEIM, Christiane. "Text structure and referencial movement". In: *Sprache und Pragmatik* 22, 1-32, 1991.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. 7ª ed., São Paulo, Contexto, 1989=1994.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- KRASHEN, Stephen D. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford, Pergamon Press, 1982.
- LIMA, Marília dos Santos. "A Análise de Erros na pesquisa e na pedagogia da L2". In: LIMA, Marília dos Santos & GUEDES, Paulo Coimbra (orgs.). *Estudos da linguagem* 10. Porto Alegre, Sagra - D. C. Luzzatto Editores, 123-131, 1996.

- LYONS, John. *Semantics*. Vol 2. Cambridge, University Press, 1977.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1970.
- MCLAUGHLIN, Barry. *Theories of second language learning*. London, Arnold, 1987.
- RAIBLE, Wolfgang. *Satz und Text. Untersuchungen zu vier romanischen Sprachen*. Tübingen, Niemeyer, 1972.
- REDDER, Angelika. *Modalverben im Unterrichtsdiskurs*. Tübingen, Niemeyer, 1984.
- SANDIG, Barbara. "Zur Differenzierung gebrauchssprachlicher Textsorten im Deutschen". In: GÜLICH, Elisabeth & RAIBLE, Wolfgang (orgs). *Textsorten. Differenzierungskriterien aus linguistischer Sicht*. Frankfurt, Athenäum, 1972.
- SANDIG, Barbara. *Stilistik. Sprachpragmatische Grundlegung der Stilbeschreibung*. Berlin, New York, Walter de Gruyter, 1978.
- SCHACHTER, Jacquelyn. "An error in error analysis". In: *Language Learning* 27, 205-14, 1974.
- SELINKER, Larry. "Language transfer". In: *General Linguistics* 9 (2), 67-92, 1969.
- SELINKER, Larry. "Interlanguage". In: *International Review of Applied Linguistics in Language Learning* 10, 209-231, 1972.
- SELINKER, Larry. *Rediscovering interlanguage*. London, New York, Longman, 1992.
- SITTA, Georg. *Deixis am Phantasma. Versuch einer Neubestimmung*. Bochum, Brockmeyer, 1991.
- SLAMA-CAZACU, Tatiana. *Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas* (trad. Leonor Scliar Cabral). São Paulo, Pioneira, 1979.
- TANZ, Christine. *Studies in the acquisition of deictic terms*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- VATER, Heinz. *Einführung in die Raum-Linguistik*. Hürth-Efferen, Gabel, 1991.
- VATER, Heinz. *Einführung in die Textlinguistik. Struktur, Thema und Referenz in Texten*. 2^a ed., München, Fink, 1994.
- VON STUTTERHEIM, Christiane. "Einige Probleme bei der Beschreibung von Lokalisationen". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 20, 98-116, 1978.
- VON STUTTERHEIM, Christiane. *Der Ausdruck der Temporalität in der Zweitsprache*. Berlin, de Gruyter, 1986.

- WEINRICH, Harald. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim, Dudenverlag, 1993.
- WERLICH, Egon. *Typologie der Texte. Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*. Heidelberg, Quelle & Meyer, 1979.
- WUNDERLICH, Dieter. "Sprache und Raum". In: *Studium Linguistik* 12, 1-19 & 13, 37-59, 1982.

9. Anexos

9.1.1 Tabela 1A: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* nos grupos eliminados

Série	Número total de palavras	<i>hier</i>				<i>da</i>				<i>dort</i>				Total <i>hier</i> , <i>da</i> , <i>dort</i>			
		No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.
8F97-4	992	15	0	68,18	0,00	7	2	31,82	28,57	0	0	0,00	0,00	22	2	2,22	9,09
8M96-1	1218	2	0	33,33	0,00	4	3	66,67	75,00	0	0	0,00	0,00	6	3	0,25	50,00
8M96-2	209	1	0	16,67	0,00	1	1	16,67	100,00	4	0	66,67	0,00	6	1	2,87	16,67
8B98-1	611	0	0	0,00	0,00	7	7	100,00	100,00	0	0	0,00	0,00	7	7	1,15	100,00
9F196-3	840	0	0	0,00	0,00	2	1	100,00	50,00	0	0	0,00	0,00	2	1	0,24	50,00
9F97-1	197	2	0	100,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	1,02	0,00
10F96-2	778	0	0	0,00	0,00	7	7	100,00	100,00	0	0	0,00	0,00	7	7	0,90	100,00
11F197-4	247	0	0	0,00	0,00	1	1	100,00	100,00	0	0	0,00	0,00	1	1	0,40	100,00
11F297-2	166	0	0	0,00	0,00	1	1	33,33	100,00	2	0	66,67	0,00	3	1	1,81	33,33
11B296-1	400	1	0	50,00	0,00	1	1	50,00	100,00	0	0	0,00	0,00	2	1	0,50	50,00

9.1.2 Tabela 1B: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis real (nos grupos eliminados)

	<i>Hier</i> Modus 1		<i>Da</i> Modus 1		<i>Dort</i> Modus 1		Soma Modus 1	
	No. abs	%	No. abs	%	No. abs	%	No. abs	%
8F97-4	13	1,31	5	0,50	0	0,00	18	1,81
8M96-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
8M96-2	1	0,48	0	0,00	0	0,00	1	0,48
8B98-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9F196-3	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9F97-1	2	1,02	0	0,00	0	0,00	2	1,02
10F96-2	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
11F197-4	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
11F297-2	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
11B296-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

9.1.3 Tabela 1C: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na endófora (nos grupos eliminados)

	<i>Hier</i> Modus 2		<i>Da</i> Modus 2		<i>Dort</i> Modus 2		Soma Modus 2	
	No. abs	%	No. abs	%	No. abs	%	No. abs	%
8F97-4	2	0,20	0	0,00	0	0,00	2	0,20
8M96-1	1	0,08	1	0,08	0	0,00	2	0,16
8M96-2	0	0,00	0	0,00	4	1,91	4	1,91
8B98-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9F196-3	0	0,00	2	0,24	0	0,00	2	0,24
9F97-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
10F96-2	0	0,00	7	0,90	0	0,00	7	0,90
11F197-4	0	0,00	1	0,40	0	0,00	1	0,40
11F297-2	0	0,00	1	0,60	2	1,20	3	1,81
11B296-1	1	0,25	1	0,25	0	0,00	2	0,50

9.1.4 Tabela 1D: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis textual (nos grupos eliminados)

	<i>Hier</i> Modus 3		<i>Da</i> Modus 3		<i>Dort</i> Modus 3		Soma Modus 3	
	No. abs	%	No. abs	%	No. abs	%	No. abs	%
8F97-4	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
8M96-1	1	0,08	0	0,00	0	0,00	1	0,08
8M96-2	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
8B98-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9F196-3	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9F97-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
10F96-2	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
11F197-4	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
11F297-2	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
11B296-1	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

9.2.1 Tabela 2A-1: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* em cada grupo de redações

Série	Número total de palavras	Total <i>hier</i> , <i>da</i> , <i>dort</i>				<i>hier</i>				<i>da</i>				<i>dort</i>			
		No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.
8F196-1	1543	16	1	1,04	6,25	2	0	0,13	0,00	12	1	0,78	8,33	2	0	0,13	0,00
8F296-1	1580	12	0	0,76	0,00	10	0	0,63	0,00	1	0	0,06	0,00	1	0	0,06	0,00
8F97-1	1442	15	4	1,04	26,67	2	0	0,14	0,00	12	3	0,83	25,00	1	1	0,07	100,00
8F97-2	2085	34	0	1,63	0,00	10	0	0,48	0,00	21	0	1,01	0,00	3	0	0,14	0,00
8F97-3	2333	25	13	1,07	52,00	6	0	0,26	0,00	17	13	0,73	76,47	2	0	0,09	0,00
8M97-1	1846	15	1	0,81	6,67	2	0	0,11	0,00	9	1	0,49	11,11	4	0	0,22	0,00
8M97-2	2026	20	0	0,99	0,00	5	0	0,25	0,00	10	0	0,49	0,00	5	0	0,25	0,00
8M97-3	1930	16	2	0,83	12,50	1	0	0,05	0,00	7	2	0,36	28,57	8	0	0,41	0,00
8M97-4	1961	11	0	0,56	0,00	2	0	0,10	0,00	3	0	0,15	0,00	6	0	0,31	0,00
8B98-2	3534	50	9	1,41	18,00	27	0	0,76	0,00	14	9	0,40	64,29	9	0	0,25	0,00
9F196-1	1750	13	2	0,74	15,38	2	0	0,11	0,00	8	2	0,46	25,00	3	0	0,17	0,00
9F196-2	923	7	5	0,76	71,43	0	0	0,00	0,00	7	5	0,76	71,43	0	0	0,00	0,00
9F196-4	4550	62	10	1,36	16,13	0	0	0,00	0,00	43	10	0,95	23,26	19	0	0,42	0,00
9F296-1	2123	8	4	0,38	50,00	1	0	0,05	0,00	7	4	0,33	57,14	0	0	0,00	0,00
9M96-1	2330	14	5	0,60	35,71	1	0	0,04	0,00	10	5	0,43	50,00	3	0	0,13	0,00
9M96-2	2485	15	7	0,60	46,67	5	0	0,20	0,00	8	7	0,32	87,50	2	0	0,09	0,00
9M96-3	1439	19	6	1,32	31,58	0	0	0,00	0,00	16	6	1,11	37,50	3	0	0,21	0,00
9M96-4	7370	68	19	0,92	27,94	0	0	0,00	0,00	59	19	0,80	32,20	9	0	0,12	0,00
9M97-1	1443	7	0	0,49	0,00	2	0	0,14	0,00	0	0	0,00	0,00	5	0	0,35	0,00
9B97-1	2564	19	17	0,74	89,47	0	0	0,00	0,00	19	17	0,74	89,47	0	0	0,00	0,00
9B97-2	3640	19	14	0,52	73,68	3	0	0,08	0,00	16	14	0,44	87,50	0	0	0,00	0,00
9B97-3	3002	31	17	1,03	54,84	1	0	0,03	0,00	28	17	0,93	60,71	2	0	0,07	0,00
10F96-1	678	4	2	0,59	50,00	1	0	0,15	0,00	2	2	0,29	100,00	1	0	0,15	0,00
10F96-3	1224	13	4	1,06	30,77	3	0	0,25	0,00	10	4	0,82	40,00	0	0	0,00	0,00
10F96-4	1356	9	4	0,66	44,44	1	0	0,07	0,00	7	3	0,52	42,86	1	1	0,07	100,00
10F96-5	886	5	1	0,56	20,00	2	0	0,23	0,00	3	1	0,34	33,33	0	0	0,00	0,00
10F197-1	3149	17	9	0,54	52,94	1	0	0,03	0,00	14	9	0,44	64,29	2	0	0,06	0,00
10F197-2	3531	28	3	0,79	10,71	3	0	0,08	0,00	14	3	0,40	21,43	11	0	0,31	0,00
10F197-3	3085	13	5	0,42	38,46	1	0	0,03	0,00	10	5	0,32	50,00	2	0	0,06	0,00
10F297-1	1481	7	1	0,47	14,29	4	0	0,27	0,00	1	1	0,07	100,00	2	0	0,14	0,00
10M96-1	4731	32	15	0,68	46,88	0	0	0,00	0,00	25	14	0,53	56,00	7	1	0,15	14,29
10M96-2	3593	26	5	0,72	19,23	13	0	0,36	0,00	8	5	0,22	62,50	5	0	0,14	0,00
10M96-3	2557	14	4	0,55	28,57	2	0	0,08	0,00	6	4	0,23	66,67	6	0	0,23	0,00

10M96-4	1491	6	1	0,40	16,67	0	0	0,00	0,00	4	1	0,27	25,00	2	0	0,13	0,00
10M97-1	4624	34	15	0,74	44,12	7	1	0,15	0,00	19	13	0,41	68,42	8	1	0,17	12,50
10B96-1	7572	61	42	0,81	68,85	1	0	0,01	0,00	56	41	0,74	73,21	4	1	0,05	25,00
10B97-1	4883	47	33	0,96	70,21	10	0	0,20	0,00	35	33	0,72	94,29	2	0	0,04	0,00
10B97-2	2580	16	8	0,62	50,00	0	0	0,00	0,00	10	8	0,39	80,00	6	0	0,23	0,00
10B97-3	3571	29	19	0,81	65,52	5	0	0,14	0,00	23	18	0,64	78,26	1	1	0,03	100,00
11F96-1	1351	16	8	1,18	50,00	1	0	0,07	0,00	9	8	0,67	88,89	6	0	0,44	0,00
11F197-1	1865	15	5	0,80	33,33	3	0	0,16	0,00	8	5	0,43	62,50	4	0	0,21	0,00
11F197-2	980	8	3	0,82	37,50	6	1	0,61	16,67	2	2	0,20	100,00	0	0	0,00	0,00
11F197-3	2538	14	8	0,55	57,14	0	0	0,00	0,00	9	8	0,35	88,89	5	0	0,20	0,00
11F297-1	1526	19	8	1,25	42,11	9	1	0,59	11,11	9	7	0,59	77,78	1	0	0,07	0,00
11M96-1	2615	17	8	0,65	47,06	3	0	0,11	0,00	14	8	0,54	57,14	0	0	0,00	0,00
11M96-2	4766	30	11	0,63	36,67	15	0	0,31	0,00	15	11	0,31	73,33	0	0	0,00	0,00
11M96-3	2754	10	9	0,36	90,00	0	0	0,00	0,00	10	9	0,36	90,00	0	0	0,00	0,00
11M97-1	2928	15	8	0,51	53,33	0	0	0,00	0,00	12	8	0,41	66,67	3	0	0,10	0,00
11M97-2	4394	26	19	0,59	73,08	2	0	0,05	0,00	21	19	0,48	90,48	3	0	0,07	0,00
11B196-1	3510	16	12	0,46	75,00	2	0	0,06	0,00	13	12	0,37	92,31	1	0	0,03	0,00
11B97-1	5942	51	47	0,86	92,16	5	1	0,08	20,00	46	46	0,77	100,00	0	0	0,00	0,00
11B97-2	4414	29	24	0,66	82,76	2	0	0,00	0,00	25	24	0,57	96,00	2	0	0,05	0,00
11B97-3	1966	17	16	0,86	94,12	0	0	0,00	0,00	17	16	0,86	94,12	0	0	0,00	0,00

9.2.2 Tabela 2A-2: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* por série, em cada população

Série	Número total de palavras	Total <i>hier</i> , <i>da</i> , <i>dort</i>				<i>hier</i>				<i>da</i>				<i>dort</i>			
		No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.
8F	8983	102	18	1,14	17,65	30	0	0,33	0,00	63	17	0,70	26,98	9	1	0,10	0,00
8M	7763	62	3	0,80	4,84	10	0	0,13	0,00	29	3	0,37	10,34	23	0	0,30	0,00
8B	3534	50	9	1,41	18,00	27	0	0,76	0,00	14	9	0,40	64,29	9	0	0,25	0,00
9F	9346	90	21	0,96	23,33	3	0	0,03	0,00	65	21	0,70	32,31	22	0	0,24	0,00
9M	15067	123	37	0,82	30,08	8	0	0,05	0,00	93	37	0,62	39,78	22	0	0,15	0,00
9B	9206	69	48	0,75	69,57	4	0	0,04	0,00	63	48	0,68	76,19	2	0	0,02	0,00
10F	15390	96	29	0,62	30,21	16	0	0,10	0,00	61	28	0,40	45,90	19	1	0,12	5,26
10M	16996	112	40	0,66	35,71	22	1	0,13	4,55	62	37	0,36	59,68	28	2	0,16	7,14
10B	18606	153	102	0,82	66,67	16	0	0,09	0,00	124	100	0,67	80,65	13	2	0,07	15,38
11F	8260	72	32	0,87	44,44	19	2	0,23	10,53	37	30	0,45	81,08	16	0	0,19	0,00
11M	17457	98	55	0,56	56,12	20	0	0,11	0,00	72	55	0,41	76,39	6	0	0,03	0,00
11B	15832	113	99	0,71	87,61	9	1	0,06	0,00	101	98	0,64	97,03	3	0	0,02	0,00

9.2.3 Tabela 2A-3: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* por série

Série	Número total de palavras	Total <i>hier</i> , <i>da</i> , <i>dort</i>				<i>hier</i>				<i>da</i>				<i>dort</i>			
		No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.	No. abs	compostas	%	% comp.
8ª série	20280	214	30	1,06	14,02	67	0	0,33	0,00	106	29	0,52	27,36	41	1	0,20	2,44
9ª série	33619	282	106	0,84	37,59	15	0	0,04	0,00	221	106	0,66	47,96	46	0	0,14	0,00
10ª série	50992	361	171	0,71	47,37	54	1	0,11	1,85	247	165	0,48	66,80	60	5	0,12	8,34
11ª série	41549	283	186	0,68	65,72	48	3	0,12	6,25	210	183	0,51	87,14	25	0	0,06	0,00
Total	146440	1140	493	0,78	43,25	184	4	0,13	2,17	784	483	0,54	61,61	172	6	0,12	3,49

9.3.1 Tabela 2B-1: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis real, em cada grupo de redações

	<i>Hier</i> Modus I				<i>Da</i> Modus I				<i>Dort</i> Modus I				Soma Modus I			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8F196-1	2	0	0,13	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,13	0,00
8F296-1	10	0	0,63	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	10	0	0,63	0,00
8F97-1	2	0	0,14	0,00	1	0	0,07	0,00	1	1	0,07	100,00	4	1	0,28	25,00
8F97-2	10	0	0,48	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	10	0	0,48	0,00
8F97-3	6	0	0,26	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	6	0	0,26	0,00
8M97-1	2	0	0,11	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,11	0,00
8M97-2	5	0	0,25	0,00	1	0	0,05	0,00	0	0	0,00	0,00	6	0	0,30	0,00
8M97-3	1	0	0,05	0,00	1	0	0,05	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,10	0,00
8M97-4	2	0	0,10	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,10	0,00
8B98-2	25	0	0,71	0,00	1	0	0,03	0,00	2	0	0,06	0,00	28	0	0,79	0,00
9F196-1	2	0	0,11	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,11	0,00
9F196-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9F196-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9F296-1	1	0	0,05	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,05	0,00
9M96-1	1	0	0,04	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,04	0,00
9M96-2	4	0	0,16	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	4	0	0,16	0,00
9M96-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M96-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M97-1	1	0	0,07	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,07	0,00
9B97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9B97-2	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00
9B97-3	1	0	0,03	0,00	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,07	0,00
10F96-1	1	0	0,15	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,15	0,00
10F96-3	3	0	0,25	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,25	0,00
10F96-4	1	0	0,07	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,07	0,00
10F96-5	2	0	0,23	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,23	0,00
10F197-1	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00
10F197-2	3	0	0,09	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,09	0,00
10F197-3	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00
10F297-1	4	0	0,27	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	4	0	0,27	0,00
10M96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M96-2	13	0	0,36	0,00	2	0	0,06	0,00	0	0	0,00	0,00	15	0	0,42	0,00

10M96-3	2	0	0,08	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,08	0,00
10M96-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M97-1	7	1	0,15	14,29	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	7	1	0,15	14,29
10B96-1	1	0	0,01	0,00	10	0	0,13	0,00	0	0	0,00	0,00	11	0	0,15	0,00
10B97-1	9	0	0,18	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	9	0	0,18	0,00
10B97-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10B97-3	5	0	0,14	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	5	0	0,14	0,00
11F96-1	1	0	0,07	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,07	0,00
11F197-1	2	0	0,11	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,11	0,00
11F197-2	6	1	0,61	16,67	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	6	1	0,61	16,67
11F197-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F297-1	8	1	0,52	12,50	1	0	0,07	0,00	0	0	0,00	0,00	9	1	0,59	11,11
11M96-1	3	0	0,12	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,12	0,00
11M96-2	14	0	0,29	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	14	0	0,29	0,00
11M96-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M97-2	2	0	0,05	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,05	0,00
11B196-1	2	0	0,06	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,06	0,00
11B97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11B97-2	0	0	0,00	0,00	1	0	0,02	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,00	0,00
11B97-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00

9.3.2 Tabela 2B-2: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis real por série, em cada população

	<i>Hier</i> Modus I				<i>Da</i> Modus I				<i>Dort</i> Modus I				Soma Modus I			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8F	30	0	0,33	0,00	1	0	0,01	0,00	1	1	0,01	0,01	32	1	0,36	3,13
8M	10	0	0,13	0,00	2	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	12	0	0,15	0,00
8B	25	0	0,71	0,00	1	0	0,03	0,00	2	0	0,06	0,00	28	0	0,79	0,00
9F	3	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,03	0,00
9M	6	0	0,04	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	6	0	0,04	0,00
9B	1	0	0,01	0,00	2	0	0,02	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,03	0,00
10F	16	0	0,10	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	16	0	0,10	0,00
10M	22	1	0,13	4,55	2	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	24	1	0,14	4,17
10B	15	0	0,08	0,00	10	0	0,05	0,00	0	0	0,00	0,00	25	0	0,13	0,00
11F	17	2	0,21	11,76	1	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	18	2	0,22	11,11
11M	19	0	0,11	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	19	0	0,11	0,00
11B	2	0	0,01	0,00	1	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,02	0,00

9.3.3 Tabela 2B-3: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis real por série

	<i>Hier</i> Modus I				<i>Da</i> Modus I				<i>Dort</i> Modus I				Soma Modus I			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8a série	65	0	0,32	0,00	4	0	0,02	0,00	3	1	0,01	33,33	72	1	0,36	1,39
9a série	10	1	0,03	10,00	2	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	12	0	0,04	0,00
10a série	53	2	0,10	3,77	12	0	0,02	0,00	0	0	0,00	0,00	65	1	0,13	1,54
11a série	38	2	0,09	5,26	2	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	40	2	0,10	5,00

9.4.1 Tabela 2C-1: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na endófora, em cada grupo de redações

	<i>Hier</i> Modus 2				<i>Da</i> Modus 2				<i>Dort</i> Modus 2				Soma Modus 2			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8F196-1	0	0	0,00	0,00	12	1	0,78	8,33	2	0	0,13	0,00	14	1	0,91	7,14
8F296-1	0	0	0,00	0,00	1	0	0,06	0,00	1	0	0,06	0,00	2	0	0,13	0,00
8F97-1	0	0	0,00	0,00	11	3	0,76	27,27	0	0	0,00	0,00	11	3	0,76	27,27
8F97-2	0	0	0,00	0,00	21	0	1,01	0,00	3	0	0,14	0,00	24	0	1,15	0,00
8F97-3	0	0	0,00	0,00	17	13	0,73	76,47	2	0	0,09	0,00	19	13	0,81	68,42
8M97-1	0	0	0,00	0,00	9	1	0,49	11,11	4	0	0,22	0,00	13	1	0,70	7,69
8M97-2	0	0	0,00	0,00	9	0	0,45	0,00	5	0	0,25	0,00	14	0	0,69	0,00
8M97-3	0	0	0,00	0,00	6	2	0,31	33,33	8	0	0,42	0,00	14	2	0,73	14,29
8M97-4	0	0	0,00	0,00	3	0	0,15	0,00	6	0	0,31	0,00	9	0	0,46	0,00
8B98-2	0	0	0,00	0,00	12	9	0,30	75,00	7	0	0,20	0,00	19	9	0,54	47,37
9F196-1	0	0	0,00	0,00	8	2	0,46	25,00	3	0	0,17	0,00	11	2	0,63	18,18
9F196-2	0	0	0,00	0,00	7	5	0,77	71,43	0	0	0,00	0,00	7	5	0,76	71,43
9F196-4	0	0	0,00	0,00	43	10	0,95	23,26	19	0	0,42	0,00	62	10	1,36	16,13
9F296-1	0	0	0,00	0,00	7	4	0,33	57,14	0	0	0,00	0,00	7	4	0,33	57,14
9M96-1	0	0	0,00	0,00	10	5	0,43	50,00	3	0	0,13	0,00	13	5	0,56	38,46
9M96-2	0	0	0,00	0,00	8	7	0,32	87,50	2	0	0,08	0,00	10	7	0,40	70,00
9M96-3	0	0	0,00	0,00	16	6	1,11	37,50	3	0	0,21	0,00	19	6	1,32	31,58
9M96-4	0	0	0,00	0,00	59	19	0,80	32,20	9	0	0,12	0,00	68	19	0,92	27,94
9M97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	5	0	0,35	0,00	5	0	0,35	0,00
9B97-1	0	0	0,00	0,00	19	17	0,74	89,47	0	0	0,00	0,00	19	17	0,74	89,47
9B97-2	2	0	0,06	0,00	15	14	0,41	93,33	0	0	0,00	0,00	17	14	0,47	82,35
9B97-3	0	0	0,00	0,00	25	17	0,83	68,00	2	0	0,07	0,00	27	17	0,90	62,96
10F96-1	0	0	0,00	0,00	2	2	0,30	100,00	1	0	0,15	0,00	3	2	0,44	66,67
10F96-3	0	0	0,00	0,00	10	4	0,82	40,00	0	0	0,00	0,00	10	4	0,82	40,00
10F96-4	0	0	0,00	0,00	7	3	0,52	42,86	1	1	0,07	100,00	8	4	0,59	50,00
10F96-5	0	0	0,00	0,00	1	1	0,11	100,00	0	0	0,00	0,00	1	1	0,11	100,00
10F197-1	0	0	0,00	0,00	14	9	0,45	64,29	2	0	0,06	0,00	16	9	0,51	56,25
10F197-2	0	0	0,00	0,00	14	3	0,40	21,43	11	0	0,31	0,00	25	3	0,71	12,00
10F197-3	0	0	0,00	0,00	10	5	0,32	50,00	2	0	0,07	0,00	12	5	0,39	41,67
10F297-1	0	0	0,00	0,00	1	1	0,07	100,00	2	0	0,14	0,00	3	1	0,20	33,33
10M96-1	0	0	0,00	0,00	25	14	0,53	56,00	7	1	0,15	14,29	32	15	0,68	46,88
10M96-2	0	0	0,00	0,00	6	5	0,17	83,33	5	0	0,14	0,00	11	5	0,31	45,46
10M96-3	0	0	0,00	0,00	6	4	0,24	66,67	6	0	0,23	0,00	12	4	0,47	33,33

10M96-4	0	0	0,00	0,00	3	1	0,20	33,33	2	0	0,13	0,00	5	1	0,34	20,00
10M97-1	0	0	0,00	0,00	17	13	0,37	76,47	8	1	0,17	12,50	25	14	0,54	56,00
10B96-1	0	0	0,00	0,00	46	41	0,61	89,13	4	1	0,05	25,00	50	42	0,66	84,00
10B97-1	1	0	0,02	0,00	34	33	0,70	97,06	2	0	0,04	0,00	37	33	0,76	89,19
10B97-2	0	0	0,00	0,00	10	8	0,39	80,00	6	0	0,23	0,00	16	8	0,62	50,00
10B97-3	0	0	0,00	0,00	20	18	0,56	90,00	1	1	0,03	100,00	21	19	0,59	90,48
11F96-1	0	0	0,00	0,00	9	8	0,67	88,89	6	0	0,44	0,00	15	8	1,11	53,33
11F197-1	1	0	0,05	0,00	8	5		62,50	4	0	0,22	0,00	13	5	0,70	38,46
11F197-2	0	0	0,00	0,00	2	2	0,20	100,00	0	0	0,00	0,00	2	2	0,20	100,00
11F197-3	0	0	0,00	0,00	9	8	0,36	88,89	5	0	0,20	0,00	14	8	0,55	57,14
11F297-1	0	0	0,00	0,00	8	7	0,52	87,50	1	0	0,07	0,00	9	7	0,59	77,78
11M96-1	0	0	0,02	0,00	13	8	0,50	61,54	0	0	0,00	0,00	13	8	0,50	61,54
11M96-2	1	0		0,00	13	11	0,27	84,62	0	0	0,00	0,00	14	11	0,29	78,57
11M96-3	0	0	0,00	0,00	10	9	0,36	90,00	0	0	0,00	0,00	10	9	0,36	90,00
11M97-1	0	0	0,00	0,00	12	8	0,41	66,67	3	0	0,10	0,00	15	8	0,51	53,33
11M97-2	0	0	0,00	0,00	20	19	0,46	95,00	3	0	0,07	0,00	23	19	0,52	82,61
11B196-1	0	0	0,00	0,00	12	12	0,34	100,00	1	0	0,03	0,00	13	12	0,37	92,31
11B97-1	1	1	0,02	100,00	46	46	0,77	100,00	0	0	0,00	0,00	47	47	0,79	100,00
11B97-2	2	0	0,05	0,00	24	24	0,54	100,00	2	0	0,05	0,00	28	24	0,63	85,71
11B97-3	0	0	0,00	0,00	16	16	0,81	100,00	0	0	0,00	0,00	16	16	0,81	100,00

9.4.2 Tabela 2C-2: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na endófora por série, em cada população

<i>Hier</i> Modus 2				<i>Da</i> Modus 2				<i>Dort</i> Modus 2				Soma Modus 2				
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8F	0	0	0,00	0,00	62	17	0,69	27,42	8	0	0,09	0,00	70	17	0,78	24,29
8M	0	0	0,00	0,00	27	3	0,35	11,11	23	0	0,30	0,00	50	3	0,64	6,00
8B	0	0	0,00	0,00	12	9	0,34	75,00	7	0	0,20	0,00	19	9	0,54	47,37
9F	0	0	0,00	0,00	65	21	0,70	32,31	22	0	0,24	0,00	87	21	0,93	24,14
9M	0	0	0,00	0,00	93	37	0,62	39,78	22	0	0,15	0,00	115	37	0,76	32,17
9B	2	0	0,02	0,00	59	48	0,64	81,36	2	0	0,02	0,00	63	48	0,68	76,19
10F	0	0	0,00	0,00	59	28	0,38	47,46	19	1	0,12	5,26	78	29	0,51	37,18
10M	0	0	0,00	0,00	57	37	0,34	64,91	28	2	0,16	7,14	85	39	0,50	45,88
10B	1	0	0,01	0,00	110	100	0,59	90,91	13	2	0,07	15,38	124	102	0,67	82,26
11F	1	0	0,01	0,00	36	30	0,44	83,33	16	0	0,19	0,00	53	30	0,64	56,60
11M	1	0	0,01	0,00	68	55	0,39	80,88	6	0	0,03	0,00	75	55	0,43	73,33
11B	3	1	0,02	33,33	98	98	0,62	100,00	3	0	0,02	0,00	104	99	0,66	95,19

9.4.3 Tabela 2C-3: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na endófora por série

<i>Hier</i> Modus 2				<i>Da</i> Modus 2				<i>Dort</i> Modus 2				Soma Modus 2				
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8a série	0	0	0,00	0,00	101	29	0,50	0,50	38	0	0,19	0,00	139	29	0,69	20,86
9a série	2	0	0,01	0,00	217	106	0,65	0,65	46	0	0,14	0,00	265	106	0,79	40,00
10a série	1	0	0,00	0,00	226	165	0,44	0,44	60	5	0,12	8,33	287	170	0,56	59,23
11a série	5	1	0,01	20,00	202	183	0,49	0,49	25	0	0,06	0,00	232	184	0,56	79,31

9.5.1 Tabela 2D-1: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis textual, em cada grupo de redações

	<i>Hier</i>				<i>Da</i>				<i>Dort</i> Modus 3				Soma Modus 3			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8F196-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8F296-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8F97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8F97-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8F97-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8M97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8M97-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8M97-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8M97-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8B98-2	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00
9F196-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9F196-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9F196-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9F296-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M96-2	1	0	0,04	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,04	0,00
9M96-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M96-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M97-1	1	0	0,07	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,07	0,00
9B97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9B97-2	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00
9B97-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F96-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F96-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F96-5	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F197-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F197-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F197-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10F297-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M96-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M96-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00

10M96-4	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10B96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10B97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10B97-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10B97-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F197-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F197-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F197-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F297-1	1	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,07	0,00
11M96-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M96-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M96-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M97-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M97-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11B196-1	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11B97-1	4	0	0,07	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	4	0	0,07	0,00
11B97-2	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11B97-3	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00

9.5.2 Tabela 2D-2: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis textual por série, e m cada população

	<i>Hier</i> Modus 3				<i>Da</i> Modus 3				<i>Dort</i> Modus 3				Soma Modus 3			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8F	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8M	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8B	1	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,03	0,00
9F	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M	2	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	2	0	0,01	0,00
9B	1	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,01	0,00
10F	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10M	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
10B	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11F	1	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,01	0,00
11M	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11B	4	0	0,03	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	4	0	0,03	0,00

9.5.3 Tabela 2D-3: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* na dêixis textual por série

	<i>Hier</i> Modus 3				<i>Da</i> Modus 3				<i>Dort</i> Modus 3				Soma Modus 3			
	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas	No. abs	compostas	%	% compostas
8a série	1	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	1	0	0,00	0,00
9a série	3	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	3	0	0,01	0,00
10a série	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11a série	5	0	0,01	0,00	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00	5	0	0,01	0,00

9.6.1 Tabela 2E-1: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* no uso não-dêitico, em cada grupo de redações

	Não-dêiticos							
	No. abs <i>hier</i>	compostas	%	% compostas	No. abs <i>da</i>	compostas	%	% compostas
8F196-1								
8F296-1								
8F97-1								
8F97-2								
8F97-3								
8M97-1								
8M97-2								
8M97-3								
8M97-4								
8B98-2	1	0	0,03	0,00	1	0	0,03	0,00
9F196-1								
9F196-2								
9F196-4								
9F296-1								
9M96-1								
9M96-2								
9M96-3								
9M96-4								
9M97-1								
9B97-1								
9B97-2								
9B97-3					2	0	0,07	0,00
10F96-1								
10F96-3								
10F96-4								
10F96-5					2	0	0,23	0,00
10F197-1								
10F197-2								
10F197-3								
10F297-1								
10M96-1								
10M96-2								
10M96-3								
10M96-4					1	0	0,07	0,00

10M97-1				2	0	0,04	0,00
10B96-1							
10B97-1				1	0	0,02	0,00
10B97-2							
10B97-3				3	0	0,08	0,00
11F96-1							
11F197-1							
11F197-2							
11F197-3							
11F297-1							
11M96-1				1	0	0,04	0,00
11M96-2				2	0	0,04	0,00
11M96-3							
11M97-1							
11M97-2				1	0	0,02	0,00
11B196-1				1	0	0,03	0,00
11B97-1							
11B97-2							
11B97-3				1	0	0,05	0,00

9.6.2 Tabela 2E-2: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* no uso não-dêitico por série, em cada população

	Não-dêiticos							
	No. abs <i>hier</i>	compostas	%	% compostas	No. abs <i>da</i>	compostas	%	% compostas
8F	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8M	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
8B	1	0	0,03	0,00	1	0	0,03	0,00
9F	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9M	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
9B	0	0	0,00	0,00	2	0	0,02	0,00
10F	0	0	0,00	0,00	2	0	0,01	0,00
10M	0	0	0,00	0,00	3	0	0,02	0,00
10B	0	0	0,00	0,00	4	0	0,02	0,00
11F	0	0	0,00	0,00	0	0	0,00	0,00
11M	0	0	0,00	0,00	4	0	0,02	0,00
11B	0	0	0,00	0,00	2	0	0,01	0,00

9.6.3 Tabela 2E-3: Distribuição de *hier*, *da* e *dort* no uso não-dêitico por série

	Não-dêiticos							
	No. abs <i>hier</i>	compostas	%	% compostas	No. abs <i>da</i>	compostas	%	% compostas
8a série	1	0	0,00	0,00	1	0	0,00	0,00
9a série	0	0	0,00	0,00	2	0	0,01	0,00
10a série	0	0	0,00	0,00	9	0	0,02	0,00
11a série	0	0	0,00	0,00	6	0	0,01	0,00

9.7 Redações do corpus: temas/títulos/tipos de texto (cf. capítulo 6 desta dissertação)

Série	Grupo	Título da redação/Tipo de texto
8F196	Grupo 1	<i>Kartoffelferien</i> texto narrativo
8F296	Grupo 1	<i>Brief an Thomas</i> texto narrativo (carta)
8F97	Grupo 1	<i>Um passeio de bicicleta</i> texto narrativo (a partir de uma história em quadrinhos)
	Grupo 2	<i>Mein Raumflug</i> texto narrativo
	Grupo 3	<i>Brief an Hans ou an Roland</i> texto narrativo (carta)
8M97	Grupo 1	<i>Der Fisch ou Zurück zur Natur</i> texto narrativo (a partir de uma história em quadrinhos)
	Grupo 2	<i>Uwe schwanzt die Schule</i> texto narrativo (narrativa recontada)
	Grupo 3	<i>Petras verrückter Geburtstag</i> texto narrativo
	Grupo 4	<i>Der folgsame Hund</i> texto narrativo (a partir de uma história em quadrinhos)
8B98	Grupo 2	<i>Reportage über das Feuer in Roraima (Du bist der Reporter)</i> texto narrativo
9F196	Grupo 1	<i>Wie ich mir die Schule wünsche</i> texto descritivo sobre objeto dinâmico+argumentativo (dissertação)
	Grupo 2	<i>Jugendliche sind ganz anders als Erwachsene</i> texto argumentativo
	Grupo 4	<i>Eine Klassenfahrt</i> texto narrativo
9F296	Grupo 1	2 temas: +Haare – texto narrativo +Ein Schuljahr im Ausland – texto argumentativo
9M96	Grupo 1	<i>Arbeit ist kein Vergnügen</i> texto narrativo (narrativa recontada)
	Grupo 2	2 temas: +Sport: Freizeit oder Beruf – texto argumentativo +Gesund leben, immer problemlos? – texto argumentativo
	Grupo 3	<i>Betragen mangelhaft</i> texto narrativo (narrativa recontada)
	Grupo 4	<i>Im Schwimmbad</i> texto narrativo (narrativa recontada)
9M97	Grupo 1	<i>Die Kinder leben heute besser als früher</i> texto argumentativo
9B97	Grupo 1	<i>Der hilflose Knabe</i> texto argumentativo
	Grupo 2	<i>Zwei Segel</i> texto argumentativo (interpretação de poesia)
	Grupo 3	<i>Selbstkritik: bin ich so gut, wie ich bin?</i> texto argumentativo (autocrítica)
10F96	Grupo 1	<i>Wie ich mir die Schule wünsche</i> texto descritivo sobre objeto dinâmico+argumentativo (dissertação)
	Grupo 3	<i>Gewalttätigkeit</i> texto narrativo+argumentativo
	Grupo 4	<i>Ärger mit dem Telefon</i> texto narrativo+argumentativo
	Grupo 5	<i>Haben sportliche Rekordleistungen eine Grenze?</i> texto argumentativo
10F197	Grupo 1	2 temas: +Sollte es einen Fernsehfreien Tag geben? – texto argumentativo +Probleme der Stadt – texto argumentativo
	Grupo 2	<i>Ich habe einen interessanten Menschen getroffen</i> texto narrativo

Grupo 3	4 temas: •Schule geschafft, und dann? – texto argumentativo •Meine Freunde und ich – texto argumentativo+narrativo •So etwas mache ich doch nicht – texto argumentativo •Eiskalt! – texto argumentativo
10F297 Grupo 1	4 temas: •Schule geschafft, und dann? – texto argumentativo •Meine Freunde und ich – texto argumentativo+narrativo •So etwas mache ich doch nicht – texto argumentativo •Eiskalt! – texto argumentativo
10M96 Grupo 1	Im Schwimmbad texto narrativo (narrativa recontada)
Grupo 2	2 temas: •Schrecklich, dieser Lärm – texto argumentativo+narrativo •Aus dem Leben eines Taxifahrers – texto argumentativo+narrativo
Grupo 3	vários temas texto argumentativo+narrativo
Grupo 4	3 temas: •Meine Tageszeitung – texto descritivo+argumentativo •Arger mit dem Telefon – texto argumentativo+narrativo •Haben sportliche Rekordleistungen eine Grenze? – texto argument.
10M97 Grupo 1	4 temas: •Schule geschafft, und dann? – texto argumentativo •Meine Freunde und ich – texto argumentativo+narrativo •So etwas mache ich doch nicht – texto argumentativo •Eiskalt! – texto argumentativo
10B96 Grupo 1	Das Festessen texto narrativo (narrativa recontada)
10B97 Grupo 1	2 temas: •Brief an Maria – texto argumentativo+narrativo (carta) •An diesem Dienstag – descritivo (resumo do conteúdo)+argument.
Grupo 2	2 temas: •Trotzdem habe ich meine Träume – texto descritivo sobre objeto estático (resumo do conteúdo)+argumentativo •Wilhelm Tell – texto descritivo sobre objeto estático (resumo do conteúdo)+argumentativo
Grupo 3	4 temas: •Schule geschafft, und dann? – texto argumentativo •Meine Freunde und ich – texto argumentativo+narrativo •So etwas mache ich doch nicht – texto argumentativo •Eiskalt! – texto argumentativo
11F96 Grupo 1	Ich werde ein Jahr in Berlin leben texto descritivo+narrativo
11F197 Grupo 1	Die Versuchung texto descritivo (resumo do conteúdo)
Grupo 2	Brief an einer Figur der Geschichte 'Die Versuchung' texto narrativo (carta)
Grupo 3	Jurko vom Berg texto descritivo (resumo do conteúdo)
11F297 Grupo 1	2 temas: •Brief – texto narrativo (carta) •Die Party – texto narrativo
11M96 Grupo 1	Wozu Briefe schreiben, es gibt doch das Telefon texto argumentativo
Grupo 2	Sollten Prägungen allein über die Ausbildungs- oder Berufschancen junger Menschen entscheiden? texto argumentativo
Grupo 3	Haben sportliche Rekordleistungen eine Grenze? texto argumentativo
11M97 Grupo 1	Jurko vom Berg texto descritivo (resumo do conteúdo)
Grupo 2	2 temas: •Jurko vom Berg – texto argumentativo (comentário) •Olympische Spiele-und dann Platz vier? Hat das sich gelohnt? – texto argumentativo •Die Wichtigkeit der Literatur – texto argumentativo •Schülerzeiung – texto argumentativo
11B196 Grupo 1	4 temas: •Die Industrie ist auf Rationalisierung der Produktionsabläufe be-dacht (z.B. Einsatz von Computern). Was ist zu dieser Entwicklung – besonders angesichts der wachsenden Arbeitslosigkeit – zu sagen? – texto argumentativo •Warum werden alte Leute in der westlichen Welt übergangen und abgeschoben, während diese in anderen Teilen der Erde hochgeachtet und geehrt werden? – texto argumentativo •Weshalb ist das Fernsehen zugleich das wichtigste und das problemschiste

		<i>Informationsmedium der Gegenwart? – texto argumentativo</i> <i>•Sollte man immer allen Menschen die Wahrheit sagen? – texto argumentativo</i>
11B97	Grupo 1	<i>Doktor Woyzeck</i> texto argumentativo
	Grupo 2	2 temas: <i>Jurko vom Berg</i> – texto descritivo (resumo do conteúdo) <i>•Olympische Spiele – und dann Platz vier? Hat das sich gelohnt? – texto argumentativo</i>
	Grupo 3	<i>Jurko vom Berg</i> texto argumentativo (comentário)

Corpus: Redações: temas/títulos/tipos de texto

10. Resumos

10.1 Abstract

The present study investigates the use of the German spacial deitic adverbs *hier*, *da* and *dort*, by students of the 8th to the 11th grade in three German-Brazilian schools in São Paulo. The research is based on a *corpus* of compositions, written in German by informants of three populations: native and non-native speakers of German and a mixed population. The analysis makes use of theoretical approaches on deixis, second language acquisition and text linguistics, particularly on cohesion and text typology.

The study has been organized in four stages. As a first step, the data were collected and typed. Subsequently, all occurrences of *hier*, *da* and *dort* on the *corpus* were marked. Thirdly, the occurrences were quantified and classified according to the deitic *modi* in which they occur: real deixis, phoric and text deixis. Finally, the results were interpreted with regard to the four grades under investigation, taking three factors into account: *input* in the classroom, interference of the first language and cognitive development of the informants.

The main purpose of the study consists of verifying whether there is any quantitative difference in the occurrence of the adverbs *hier*, *da* and *dort* and of the three deitic *modi* in the four grades under investigation and in the three populations of informants. One of the results of the analysis is the observation that *da* occurs in a higher frequency than *hier* and *dort* in all grades, among native speakers as well as non-native speakers of German. However, the percentage of occurrence of *hier*, *da* and *dort* in relation to all the text-words in the *corpus* varies according to the population. *Hier* and *dort* are more used in the non-native speakers' population than among native speakers, whilst *da* occurs with a higher frequency in the production of native speakers. The high frequency of *da* in the *corpus* is interpreted as a result of its archideitic character. The fact that the three adverbs occurred in the informants' productions of the four grades and the three populations suggests that *hier*, *da* and *dort* had already been learned/acquired by the informants before the collection of the data.

With regard to the deitic *modi*, the main observation is that the phoric *modus* shows the highest frequency of use in the three populations. The data analysis reveals that the high frequency of this *modus* parallels the use of archideitic *da* and its composites. In the same way, the frequency of real deixis is closely related to the occurrence of *hier*. As to text deixis, there is not enough material in the *corpus* to justify generalizations.

10.2 Resumo

O presente estudo aborda o uso dos advérbios dêiticos espaciais *hier*, *da* e *dort* do alemão por alunos da 8ª série do primeiro grau até a 3ª série do 2º grau, de três escolas teuto-brasileiras da cidade de São Paulo. A pesquisa baseia-se em um *corpus* de redações, escritas em alemão por informantes de três populações: falantes nativos e não-nativos da língua alemã e uma população mista. Como fundamento da análise, utilizam-se as teorias da dêixis, da aquisição de línguas estrangeiras e da linguística textual, em especial, da coesão e da tipologia textual.

O estudo foi organizado em quatro etapas. Na primeira, os dados foram levantados e digitados. Na segunda, todas as ocorrências de *hier*, *da* e *dort* no *corpus* foram marcadas. Na terceira, as ocorrências foram quantificadas e classificadas de acordo com os *modi* dêiticos em que ocorrem: dêixis real, endófora e dêixis textual. Na última etapa, os resultados foram interpretados em relação às quatro séries escolares pesquisadas, levando-se em conta três fatores: o *input* em sala de aula, a interferência da língua materna e o desenvolvimento cognitivo dos informantes.

O principal objetivo do estudo consistiu em verificar se existe alguma diferença quantitativa nas ocorrências dos advérbios *hier*, *da* e *dort* e dos três *modi* dêiticos, nas quatro séries escolares e nas três populações de informantes. Na análise dos dados, observou-se que *da* ocorre com maior frequência que *hier* e *dort* em todas as séries, tanto na população de falantes nativos, quanto na de não-nativos de alemão. Contudo, a porcentagem de ocorrência de *hier*, *da* e *dort* em relação ao total de palavras-texto do *corpus* varia de acordo com a população. *Hier* e *dort* foram mais usados na população de falantes não-nativos que na de nativos, enquanto *da* ocorre com maior frequência na produção dos informantes nativos. A alta frequência de *da* no *corpus* é interpretada como resultado de seu caráter de arquidêitico. Como foram identificadas ocorrências dos três advérbios nas produções dos informantes das quatro séries e das três populações pesquisadas, deduziu-se que *hier*, *da* e *dort* já haviam sido aprendidos/adquiridos pelos informantes anteriormente à coleta de dados.

Com respeito aos *modi* dêiticos pesquisados, observou-se que o *modus* da endófora é o mais utilizado nas três populações. A análise dos dados revela que a alta de frequência desse *modus* é paralela à utilização do arquidêitico *da* e de seus compostos. Da mesma forma, a frequência da dêixis real está intimamente relacionada à ocorrência de *hier*. Quanto ao *modus* da dêixis textual, os dados não fornecem material suficiente para que se chegue a generalizações.

10.3 Zusammenfassung

Die vorliegende Magisterarbeit untersucht die Verwendung der deutschen ortsdeiktischen Adverbien *hier*, *da* und *dort*, durch Schüler der 8. bis 11. Klasse aus drei deutsch-brasilianischen Schulen in São Paulo. Die Untersuchung basiert auf einem Korpus von Aufsätzen, die von Informanten aus drei Populationen – Muttersprachler und Fremdsprachler des Deutschen sowie eine gemischte Gruppe – in deutscher Sprache geschrieben wurden. Die Analyse verwendet theoretische Modelle der Deixis, des Zweitspracherwerbs und der Textlinguistik, insbesondere der Kohäsion und der Texttypologie.

Die Untersuchung wurde in vier Phasen organisiert. Als erster Schritt wurden die Daten gesammelt und getippt. Nachfolgend wurden alle Vorkommen von *hier*, *da* und *dort* im Korpus markiert. Drittens wurden die Vorkommen quantifiziert und in Beziehung auf die deiktischen *Modi*, in den sie vorkommen, klassifiziert: Realdeixis, Phorik und Textdeixis. Schließlich wurden die Ergebnisse im Hinblick auf die vier untersuchten Klassenstufen interpretiert, wobei drei Faktoren berücksichtigt wurden: der *input* im Klassenzimmer, die Interferenz der Muttersprache und die kognitive Entwicklung der Informanten.

Das Hauptziel der Untersuchung besteht darin, zu verifizieren, ob ein quantitativer Unterschied besteht in den Vorkommen der Adverbien *hier*, *da* und *dort* und der drei deiktischen *Modi*, in den vier untersuchten Klassenstufen und in den drei Informanten-Populationen. Eines der Ergebnisse der Analyse ist die Beobachtung, daß *da* in allen Klassen häufiger vorkommt als *hier* und *dort*, bei Muttersprachlern ebenso wie bei Fremdsprachlern des Deutschen. Allerdings variiert der Prozentsatz der Vorkommen von *hier*, *da* und *dort* in Relation zur Gesamtzahl der Text-Wörter im Korpus in den drei Populationen. *Hier* und *dort* werden in der Population der Fremdsprachler häufiger benutzt als von den Muttersprachlern, während *da* in der Produktion der Muttersprachler häufiger ist. Die hohe Frequenz von *da* wird als ein Ergebnis seines archideiktischen Charakters interpretiert. Die Tatsache, daß die drei Adverbien in der Produktion der Informanten aller vier Klassen in allen Populationen vorkommen, zeigt, daß *hier*, *da* und *dort* von den Informanten schon vor der Datensammlung gelernt/erworben worden sein müssen.

Im Hinblick auf die deiktischen *Modi* ist die wichtigste Beobachtung, daß der phorische *Modus* in den drei Populationen der häufigste ist. Die Datenanalyse zeigt, daß die hohe Frequenz dieses *Modus* mit der Verwendung des Archideiktikons *da* und seiner Komposita parallelgeht. Ebenso ist die Häufigkeit der Realdeixis eng mit den Vorkommen von *hier* verbunden. In Bezug auf die Textdeixis gibt es nicht ausreichend Material im Korpus, um Verallgemeinerungen zu rechtfertigen.